

Livro

Arthur Conan Doyle

A Nova Revelação



Prefácio

As Pesquisas	CAPÍTULO I
A Revelação	CAPÍTULO II
A Vida Futura	CAPÍTULO III
Problemas e Limitações	CAPÍTULO IV

DOCUMENTOS SUPLEMENTARES

A Outra Vida
Escrita automática
O abrigo de Cheriton

PREFÁCIO

Muitos espíritos, mais filosóficos do que o meu, se têm, sentido atraídos pela feição religiosa deste assunto e grande número de inteligências mais científicas do que a minha têm volvido a atenção para os fenômenos psíquicos. Até agora, porém, que eu saiba, ainda ninguém tentou demonstrar a exata relação que existe entre os dois aspectos do problema. Entendo que se me fosse dado lançar alguma luz sobre esse ponto, muito teria eu contribuído para resolver-se a questão que mais importa à Humanidade.

Mrs. Piper, célebre médium, proferiu em 1899 algumas palavras que o doutor Hodgson registrou. Achando-se em estado de hipnose, ela foi levada a falar do Espiritismo religioso e declarou: "No século vindouro, o Espiritismo se terá tornado maravilhosamente acessível ao entendimento humano. Anunciar-vos-ei, além disso, uma coisa cuja realização poderá comprovar. A evidente percepção das nossas relações com o Além será precedida de uma guerra terrível, que abalará diversas partes do mundo. Antes que, pela visão espiritual, os mortais possam ver o seu lado os amigos que deixaram de viver na Terra, mister se faz que o mundo inteiro seja purificado e por aquele meio é que ele alcançará a perfeição. Amigos, refleti muito."

Tivemos a guerra terrível nas diferentes partes do mundo. Aguardamos que se cumpra o resto da predição.

AS PESQUISAS

A questão das investigações psíquicas é uma das que mais me têm feito pensar e, entre todas, aquela sobre. A qual mais tardei em formar opinião.

De quando em quando, à medida que avançamos na vida, certos incidentes mínimos ocorrem. Que nos forçam a reconhecer que o tempo voa que, primeiro a juventude, e, depois, a idade da madureza, fogem precipitadamente. O que ultimamente me sucedeu. Na excelente revista Light, há uma coluna consagrada a recordar os acontecimentos que, uma geração atrás, isto é, há trinta anos, se verificaram na data correspondente à em que nos achamos. Recentemente, percorria eu essa coluna quando de súbito deparei surpreendido com o meu nome e reli em letra de forma uma carta que escrevera em 1887, relatando interessantes experiência verificada no curso de uma sessão espírita. Isto prova que data de longo tempo a meu interesse por este assunto e prova também que não formei apressadamente sobre ele a minha opinião, visto que só há um ano ou dois me declarei satisfeito com a evidência.

Ao ver-me inserindo aqui, agora, a narrativa de algumas de minhas experiências e a indicação de dificuldades que se me entulharam, meus leitores não irão supor, assim o espero que o faço por egotismo, mas sim por ser o melhor meio de assinalar pontos que provavelmente se apresentará a qualquer investigador. Depois de haver transposto esse campo, poderei considerar algo de natureza mais geral e im pessoal.

Ao concluir, em 1882, o curso de medicina, achei-me, como sucede à maioria dos médicos jovens, um materialista convencido, relativamente ao nosso destino pessoal. Jamais deixara de ser fervoroso deísta, por me parecer que ainda ninguém respondera a esta pergunta que, numa noite estrelada, Napoleão dirigiu a alguns professores ateus, quando em marcha para o Egito: "Quem foi, Senhores, que fez estas estrelas?" Porque, dizer que o Universo resultou da ação de leis imutáveis equivale apenas a afastar mais para atrás a questão, dando lugar a uma nova pergunta: "Quem é o autor dessas leis?"

Eu não acreditava, certamente, num Deus antropomórfico, mas cria então, como agora, em uma Força inteligente, presidindo a todas as operações da Natureza, força tão grande e tão infinitamente complexa que meu cérebro limitado não pôde nunca ir além do reconhecimento da sua existência. Consideravam igualmente o bem e mal como fatos tão óbvios que não reclamavam nenhuma revelação divina.

Sempre, porém, que encarava a questão de saber se as nossas insignificantes personalidades sobreviveriam após a morte, afigurava-se-me que todas as analogias da Natureza se pronunciavam contra essa sobrevivência. Consumida a vela, a luz se apaga. Quando a centelha elétrica se parte, cessa a corrente. A dissolução do corpo marca o fim da matéria. Cada um, ao impulso do seu egoísmo, pode julgar-se com direito a sobreviver; mas, quem quer que atente, diremos, num tratado de alta ou baixa hierarquia, será capaz de encontrar razão plausível a favor da sobrevivência de tal personalidade? Isso parecia ilusão e, assim, estava convencido de que a morte realmente punha fim a tudo, se bem não achasse que este fato fosse de molde a afetar os nossos deveres para com a Humanidade, durante a nossa transitória existência.

Essa a minha maneira de pensar, quando os fenômenos espíritas me chamaram a atenção. Sempre considerara esse assunto a maior tolice da terra e, como tivera conhecimento das fraudes de alguns médiuns, perguntava a mim mesmo de que modo podia um homem sensato crer em semelhantes coisas.

Acontecendo, entretanto, que alguns amigos meus se interessavam pela questão, tomei parte com eles em sessões de mesas girantes, no curso das quais obtivemos mensagens conexas. Devo, todavia, confessar que o único efeito que em meu espírito produziram foi o de me tornarem um tanto suspeito de meus amigos. Foram mensagens quase sempre longas, soletradas por meio de movimentos da mesa e impossível era que representassem obra do acaso. Alguém de certo movia a mesa. Supus fossem meus amigos e eles, provavelmente, pensavam fosse eu. Isto me perturbava e

afligia, porque não os podia ter na conta de pessoas capazes de um embuste e não podia compreender a transmissão das mensagens senão por meio de uma consciente pressão exercida sobre a mesa.

Por essa época - seria em 1886 - me caiu nas mãos um livro intitulado: As reminiscências do juiz Edmundo. O autor era membro da Suprema Corte dos Estados Unidos e homem de grande reputação. Na sua obra, narrava, minuciosamente, como, morta sua esposa, pudera durante anos comunicar-se com ela.

Li esse livro com interesse, mas também com absoluto cepticismo. Para mim, aquilo era apenas exemplo da possibilidade de existir uma ponta fraca na mente de um homem de caráter firme e prático, uma espécie de reação, por assim dizer, contra os fatos positivos com que lidava na sua vida cotidiana. Que espírito seria esse de que ele falava?

Suponhamos que um homem, num acidente, fracture a caixa craniana. Seu caráter pode mudar completamente. De uma natureza elevada pode tornar-se de outra muito baixa. Do mesmo modo, sob a influência do álcool, do ópio, ou de qualquer droga semelhante, o espírito de um indivíduo pode mudar inteiramente. Tudo isso me demonstrava que o espírito depende da matéria. Tal a minha forma de raciocinar naquela época. Eu não percebia então que não era o espírito que, em tais casos, se modificava e sim o corpo que lhe servia para exercer sua atividade. Ninguém judiciosamente invocará como argumento contra a existência de um músico a circunstância de não produzir seu violino senão sons desagradáveis, por se haver estragado.

Contudo, muito estimulada fora a minha curiosidade, de sorte que continuei a ler todos os livros que me vinham às mãos, referentes ao assunto. Causou-me espanto notar que muitos homens eminentes, cujos nomes figuravam na vanguarda da ciência, se achavam inteiramente convencidos de que o espírito independe da matéria e lhe sobrevive. Enquanto considerei o Espiritismo como uma ilusão vulgar dos ignorantes, pude tratá-lo com desprezo. Desde que, porém, o

vi amparado por sábios como Crookes, que eu sabia ser o maior químico da Inglaterra, por Wallace, o rival de Darwin, e por Flammarion, o mais conhecido dos astrônomos, já me não foi possível desprezá-lo.

Fácil verdadeiramente era atirar para o lado os livros desses homens, com as suas minuciosas investigações amadurecidas conclusões, e dizer: "Bem! Há e m seus cérebros uma ponta fraca." Mas, muito satisfeito deve ficar consigo mesmo um homem se não vê chegar o dia de inquirir se o ponto fraco não está no seu próprio cérebro.

Por algum tempo ainda me mantive no meu ceticismo, considerando que muitos homens notáveis, como o próprio Darwin, Huxley, Tindall e Herbert Spencer, zombavam desse novo rama de conhecimento. Mas, assim vim a saber que o desdém da parte deles chegara ao extremo de não quererem ao menos examiná-lo; que Spencer declarara repetidamente ter-se decidida contra ele baseada em razões a priori; que Huxley dissera não o interessar o assunto, fui forçado a admitir que, por maiores que fossem esses homens como cientistas, seu moda de proceder a tal respeito era dogmático e nada científico, ao passo que, os que estudavam os fenômenos espíritas e procuravam apreender as leis que os regem, esses seguiam o caminha que nos há conduzido à realização de todos os progressos do saber humano. Tendo chegado tão longe o meu raciocínio, a minha posição de céptico já não era tão firme como dantes.

A reforçá-lo tive as minhas próprias experiências. Note -se que eu trabalhava sem médium, o que muito se assemelha a um astrônomo que não use de telescópio. Nenhuma faculdade psíquica possuo e ainda menos os que comi go colaboravam. Entre nós apenas conseguíamos reunir força magnética - ou o que assim se denomina - em quantidade suficiente para obter da mesa suas comunicações suspeitas e, muitas vezes, estúpidas.

Ainda conservo notas dessas reuniões e cópias de algumas, pelo menos, de tais mensagens, que nem sempre eram de todo estúpidas. Recordo -me, por exemplo, de que, de

uma feita, tendo, em busca de provas, perguntado quantas moedas trazia nos bolsos, a mesa respondeu: "Estamos aqui para instruir e elevar as almas, não para adivinhações." E acrescentou: "O que queremos inculcar é um estado da alma religioso e não de crítica." Creio que ninguém achará seja isto uma mensagem pueril. Por outro lado, perseguia-me sempre o temor de uma pressão involuntária das mãos dos assistentes.

Há esse tempo, um incidente se produziu que me perturbou e desgostou muito. Encontrando-nos certa noite em excelentes condições, obtivéramos bom número de movimentos que pareciam independentes, em absoluto, da nossa ação. Recebêramos longas e minuciosas mensagens provindas, conforme nelas se dizia, de um Espírito que nos deu seu nome e declarou ter sido agente comercial e haver perdido a vida recentemente no incêndio de um teatro em Exeter. Fornecendo pormenores tão precisos, pediu-nos escrevêssemos à sua família, que vivia, segundo nos disse, num lugar chamado Slattenmere, no Condado de Cumberland. Assim fiz, mas o Correio me devolveu a carta, por ser desconhecida o lugar de seu destino. Ainda estou para saber se, naquela sessão, fomos enganados, ou se nos equivocamos ao tomarmos o endereço. Seja como for, o fato ocorreu qual o estamos narrando. Foi para mim uma decepção tal que diminuiu de muito, durante algum tempo, o meu interesse pelo assunto.

Era meu intuito estudar uma questão séria. Logo, porém, que ela começou a dar lugar a gracejos cuidadosamente arranjados, pareceu-me ser tempo de parar. Se no mundo existe um lugar chamado Slattenmere, mesmo agora, muito me alegraria sabê-lo.

Clinicava eu então em Southsea, onde residia o general Drayson, homem de caráter muito distinto e um dos pioneiros do Espiritismo neste país. Confiei-lhe o embaraço em que me via e ele me ouviu com grande paciência. Não ligou importância às minhas críticas acerca da necessidade de algumas daquelas mensagens e da absoluta falsidade de outras.

"A verdade fundamental ainda não a apreendes tes", disse-me. "Essa verdade consiste em que cada espírito encarnado passa para o outro mundo exatamente como é neste, sem transformação alguma. O mundo que habitamos está cheio de fracos e néscios e o outro mundo também. Nenhuma necessidade tendes de vos envolverdes com os de lá, como não tendes a de vos misturardes com os daqui. Cada um escolhe seus companheiros. Mas, que aqui na terra um homem, tendo vivido sempre só em sua casa, não freqüentando pessoa alguma, afinal se lembrasse de chegar à janela para ver em que espécie de lugar se achava. Que poderia acontecer? Que alguns garotos malcriados lhe dissessem grosserias. O que ele não lograria era conhecer coisa alguma da sabedoria ou da grandeza do mundo. Sairia da janela crente de encontrar-se num lugar ordinárrissimo. Foi precisamente o que vos sucedeu. Numa reunião heterogênea, sem objetivo definida, metestes a cabeça para observar o outro mundo e destes com uma turba de garotos malcriados. Prossegui e tratai de obter coisa melhor." Assim falou o general Drayson e, conquanto a sua explicação me não houvesse satisfeito, no momento, acabei por compreender que ele asperamente me aproximara da verdade.

Tais foram os meus primeiros passos no Espiritismo. Continuava céptico, mas já era um investigador, e, quando a qualquer crítico da escola antiga ouvia dizer que ali nada havia a explorar, que tudo era embuste, ou que um prestidigitador bastaria para tudo desmascarar, já não tinha dúvida de que insensatez era dizer isso. Verdade é que as provas por mim reunidas até aquele momento ainda não haviam bastado para me convencerem. Entretanto, das minhas contínuas leituras tirei a conclusão de que outros já tinham aprofundado muito a questão e reconheci que os testemunhos em favor do Espiritismo eram tão poderosos quais nenhum outro movimento religioso, no mundo, poderia apresentar que se lhes comparassem. Isso não provava que ele fosse à verdade, mas, pelo menos, provava que devia ser tratada com respeito e não atirada para o lado.

Tomemos, como exemplo, um só fato, que Wallace qualificou, com razão, de "milagre moderno". Esco lho-o por ser dos mais incríveis. Refiro-me à façanha de D. D. Home - que, seja dito de passagem, não era, como geralmente se supõe, um aventureiro pago e sim homem de boa família - atirando-se de uma janela a outra, a uma altura de setenta pés (1) do solo.

Não pude acreditar. Informado, porém, de que três testemunhas oculares atestavam o fato e que essas testemunhas eram lorde Dunraven, lorde Lindsay e o capitão Wayne, todos homens honrados e de grande reputação, os quais mais tarde assentiram em afirmar o sucedido sob juramento, fui obrigado a admitir que a evidência, nesse caso, era mais direta do que com relação a qualquer dos longínquos acontecimentos que todo o mundo conveio em aceitar por verdadeiros.

Continuei sempre, durante todos esses anos, a fazer sessões de mesas falantes, cujos resultados foram, muitas vezes, nulos; de outras, insignificantes e, de algumas, surpreendentes. Ainda guardo as notas dessas sessões e vou reunir aqui os resultados de uma em que foram bem definidos, dando-me, acerca da vida de além-túmulo, informes tão opostos às minhas idéias a tal respeito que, então, mais me divertiram do que edificaram.

Tão intimamente concordantes, entretanto, os acho agora com as revelações de Raymond (2) e com outras mais recentes, que muito diversamente os considero. Sei que todas essas narrativas da vida no Além diferem nas particularidades - como diferem, creio, muitas das que se fazem da vida terrena, mas, em geral, há entre elas grande semelhança. No caso que vou relatar, o que de semelhante havia nas informações recebidas longe estava do conceito que, sobre aquela vida, formávamos as duas senhoras que comigo compunham o círculo das minhas sessões e eu.

Dois foram os espíritas que se comunicaram conosco e nos transmitiram mensagens. Do primeiro a mesa soletrou o nome: "Doroteia Poslethwaite", nome que de todo desconhecíamos. Disse que morrera havia um lustro, em

Melbourne, na idade de dezesseis anos; que era então feliz; que trabalhava e que freqüentara a mesma escola que uma das senhoras presentes. A meu pedido, a senhora indicada retirou as mãos da mesa e citou uma série de nomes. Ao ser pronunciado o nome exato da diretora da escola, a mesa se inclinou, o que nos pareceu uma prova. O Espírito disse mais: que a esfera em que vivia circundava a terra; que conhecia os planetas; que habita Marte uma raça muito mais adiantada do que a nossa e que os canais ali existentes são artificiais; que na esfera onde se achava não há males corporais, mas apenas ansiedade mental; que os espíritos eram governados e tomavam alimentos; que fora católica e ainda o era. Nem por isso, entretanto, se via melhor tratada do que os protestantes.

Disse mais que, entre os da sua esfera, havia budistas e maometanos, mas que todos tinham igual tratamento. Nunca vira o Cristo, nem dele sabia mais do que quando estava na terra, porém acreditava na sua influência. Os espíritos, referiu, moravam e morriam na esfera em que se encontravam antes de passarem a outra; que lhes eram proporcionados prazeres como, por exemplo, o da música. Estava numa região de luz e alegria. Acrescentou que os espíritos não eram nem ricos nem pobres e que as condições gerais da existência eram muitíssimo mais venturosas do que as do viver terreno.

Esse espírito nos deu boa-noite e logo uma outra influência muito mais enérgica se apoderou da mesa, que entrou a mover-se violentamente. Em resposta às minhas perguntas, disse ser o espírito de um homem, a quem chamarei Dodd, que fora famoso jogador de críquete e que comigo tivera uma séria conversação no Cairo, antes de subir o Nilo, onde encontrara a morte na expedição Dongolesa. Deva observar que, na progressão de meus estudos, já nos achamos no ano de 1896.

Nenhuma das duas senhoras comigo sentadas à volta da mesa conhecia Dodd. Comecei a interrogá-lo exatamente como se o tivera sentado defronte de mim e ele a me responder com presteza e decisão por vezes respostas tão em oposição ao que eu esperava, que nenhuma suspeita poderia

haver de que o meu pensamento o influenciava. Disse -nos ser feliz e não desejar voltar a terra. Fora livre-pensador, mas daí nenhum sofrimento lhe adviera na outra vida. Reconhecia, contudo, que a prece é muito salutar porque nos põe em contacto com o mundo espiritual. Se houvesse orado mais, teria chegado a maior altura nesse mundo.

Cumpre-me assinalar que isto me pareceu em contradição com o que ele antes declarara - "que nenhum sofrimento lhe adviera do fana de ter sido livre-pensador", acrescentando que muitos, sem serem livres-pensadores, pouco se lembram de orar.

Voltemos a Dodd. Morrera sem sofrimento. Recordou a morte de Polwhele, jovem oficial, que antes dele desencarnara. Ele, Dodd, quando morreu, recebeu as boas-vindas de muitos espíritos que vieram ao seu encontro. Entre estes, porém, não vira Polwhele. Fora informado da queda de Dongola, mas não estivera presente em espírito ao banquete que depois se realizou no Cairo. Lembrou-me a nossa conversação nesta cidade. Disse ter que trabalhar e que possuía conhecimentos muito mais amplos do que quando na vida terrena. Informou que a duração da vida lá, onde se achava, era mais curta do que na terra. Não vira o general Gordon, nem qualquer outra espírito famoso. Os espíritos viviam em famílias e comunidades. Os esposos não se encontravam forçosamente. Reuniam-se de novo os que se amavam.

Fiz este resumo de uma comunicação, para mostrar de que gênero eram as que obtínhamos, se bem que a amostra apresentada seja das mais favoráveis, quer em extensão, quer em coerência. Serve, entretanto, para demonstrar que não é justo dizer-se, como fazem muitos críticos, que só se conseguem mensagens vazias de senso. Nestas, nenhuma insensatez se nota, a menos que assim qualifiquemos tudo que não se adapte às nossas idéias preconcebidas.

Mas, por outro lado, que provas possuímos da veracidade daquelas afirmações? Não tendo meio de comprová-las, elas me deixaram simplesmente desorientada. Agora, entretanto, que uma experiência mais larga me permitiu verificar que

informações da mesma natureza foram dadas a muitas pessoas, desconhecidas umas das outras e de países diferentes, creio que a concordância dos testemunhos constitui, até certo ponto, como em todos os casos de investigação, um argumento a favor da veracidade de tais informes. Naquela época, não me era possível harmonizar semelhante concepção da vida futura com o meu sistema de filosofia. Limitei-me por isso a anotá-la e passei adiante.

Continuei a ler muito sobre o assunto e pude apreciar cada vez mais a infinidade dos testemunhos existentes e quão meticolosos tinham sido em suas experiências os que os davam. Isso me impressionava muito mais do que os limitados fenômenos que lograva obter nas minhas sessões. Então, ou pouco depois, li uma obra do Sr. Jacolliot sobre os fenômenos de ocultismo na Índia. Jacolliot era presidente do tribunal da colônia francesa de Chandernagor. Espírita de feitio muito jurídico, nutria prevenções contra o Espiritismo. Efetuou uma série de experiências com faquires, que nele depositavam confiança pela simpatia que inspirava e porque lhes falava no idioma deles. No seu livro, Jacolliot descreve as múltiplas precauções que tomou para evitar toda espécie de fraude.

Resumindo a sua longa narrativa, direi que entre os faquires se lhes depararam todos os fenômenos da mais adiantada mediunidade européia, tudo, por exemplo, o que Home realizara. Observou a levitação do corpo, a imunidade contra o fogo, o movimento de objetos à distância, rápido crescimento de plantas, levantamento de mesas. Explicando a produção desses fenômenos, diziam os faquires que quem os operava eram os Pitris, ou espíritos, sendo que a única diferença notada entre aqueles processos e os nossos parecia consistir em que lá faziam maior uso da evocação direta. Pretendem os faquires que tais poderes lhes foram outorgados desde tempos imemoriais e remontavam aos caldeus.

Tudo isso me causou enorme impressão, porquanto os faquires chegavam aos mesmos resultados que nós, sem que se lhes pudesse imputar os embustes tão freqüentes na América, ou a vulgaridade atual, como se costumava fazer

amiúde com relação aos fenômenos semelhantes que se produziam na Europa.

Também na mesma época fui influenciado pelo relatório da Dialectical Society, relatório muito antigo, datando de 1869. É um trabalho convincente e, conquanto tenha sido ridiculizado em uníssono pelos jornais ignorantes e materialistas daquele tempo, constitui um documento de grande valor.

A Dialectical Society se compunha de certo número de pessoas distintas e imparciais, desejosas de investigar os fenômenos físicos do Espiritismo. O relatório a que aluda faz uma exposição minuciosa das experiências que realizam e das precauções que adotaram contra as fraudes. Atentando nas provas de que ele dá conta, ninguém compreenderá de que moda seus autores teriam podido chegar a uma conclusão diversa da que proclamaram, isto é: que os fenômenos eram sem dúvida alguma autênticos e indicavam a existência de leis e forças que a ciência ainda não explorara.

Há no caso um fato singular a ser notado e é que, se a conclusão fora contrária ao Espiritismo, o relatório teria sido saudado como o golpe de morte no movimento espírita; mas porque, em vez disso, assegurou a realidade dos fenômenos, cobriram-no de ridículo. O mesmo, aliás, sucedeu a muitas outras investigações, desde as que se fizeram em Hydesville, no ano de 1848, e a que se verificou quando o professor Hare, de Filadélfia, se atirou como S. Paulo outrora, contra a verdade e teve que se curvar diante dela.

Por volta de 1891, eu me fiz membro da Psychological Research Society, o que me facultou ler todos os seus relatos. Muito deve o mundo à infatigável diligência dessa Sociedade e à sobriedade de suas exposições, embora eu reconheça que estas são, às vezes, de impacientar e que, no propósito de evitarem o cunho de maravilhosas, desanimam o público, levando-o a desinteressar-se de um esplêndido trabalho e de tirar dele proveito. A terminologia meio científica de que usam também desnorteia o leitor comum. Assim é que, depois da leitura daqueles relatórios, se podem dizer a que, em certa ocasião, me disse um caçador americano das Montanhas

Rochosas com referência a um membro de uma universidade a quem ele escoltara durante toda uma estação de caça: "Era tão sábio que se não conseguia compreender o que dizia." A despeito, porém, dessas pequenas esquisitices, todos os que, na obscuridade, hão buscado a luz a têm encontrado nos metódicos trabalhos dessa Sociedade, cuja influência foi um dos fatores da atual orientação de minhas idéias. Além dessa, entretanto, outra influência se fez sentir profundamente em mim.

Inteirara-me até ali das admiráveis experiências realizadas pelos grandes investigadores, mas ainda não descobrira da parte deles qualquer esforço para elaborar um sistema que as abrangesse e contivesse todas. Foi então que lia obra monumental de Myers - Human Personality (A Personalidade Humana) - obra de cujas formidáveis raízes se há de erguer toda uma árvore de conhecimentos.

Myers não pôde apresentar nenhuma fórmula que envolvesse todos os fenômenos ditos "espíritos".

Contudo, discutindo a ação, a que deu o nome de telepatia, da mente sobre a mente, a expôs e estabeleceu de modo tão claro e completo, apoiando-se em numerosos exemplos, que, para todos, exceto para os que deliberadamente cerram os olhos à evidência, aquela ação passou a figurar entre os fatos científicos.

Foi um grande passo dado. Se a mente podia atuar, a distância, sobre a mente, é que existia no homem poderes de todo independentes da matéria, tal como a temos compreendido sempre.

O terreno fugia debaixo dos pés do materialista e a minha posição de outrora fora destroçada. Eu dissera que, consumida a vela, a chama se apagava. Surgiu-me uma chama muito afastada da vela e agindo por si mesma. A analogia, portanto, era evidentemente falsa. Se a mente, o espírito, a inteligência do homem podia operar à instância do corpo, é que era coisa independente deste. Por que então não poderia continuar a existir, mesmo depois de haver perecido o corpo? E não só essas impressões se produziam, a distância, no caso dos que

tinham morrido, como também o mesmo fato provava que aquilo donde elas provinham revestia as aparências da pessoa morta, demonstrando que eram transmitidas por alguma coisa exatamente semelhante ao corpo, mas que obrava independente deste e que lhe sobrevivia.

Ininterrupta se apresentava a cadeia das provas, desde o simples caso de leitura do pensamento, num extremo, até a manifestação mesma do espírita sem o corpo, no outra extrema. As frases se sucediam sem hiato. Esta circunstância me pareceu conter os primeiros elementos de um sistema científico, de uma classificação do que até ali não passara de mera coleção de fatos confusos e mais ou menos discordantes uns dos outros.

Por aquela mesma época tive ensejo de participar de interessante experiência, como um dos três comissionadas pela Psychical Society para passarem a noite numa casa assombrada. Era um caso de poltergeist (3), um desses casos em que, durante anos, se ouvem barulhos estranhos, pancadas inexplicáveis, muita parecido, em suma, como caso clássico da família de John Wesley, em Epworth, no ano de 1762, ou ainda com o da família Fox, em Hydesville, perto de Rochester, em 1848, e que foi o ponto de partida do moderno espiritualismo.

Nada de extraordinário assinalou a nossa viagem, que, todavia, não foi de todo improfícua. Na primeira noite, nenhum incidente. No decorrer da segunda, ouvimos formidáveis barulhos semelhantes aos que se produzem batendo-se numa mesa com uma bengala. Nós nos cercamos, está visto, de todas as precauções, mas não pudemos descobrir a causa do ruído. Contudo, não ousaríamos, no momento, jurar que alguém não estivesse habilmente a divertir-se conosco. E o caso permaneceu assim.

Decorridos alguns anos, encontrei um membro da família que residia naquela casa e por ele me foi dito que, depois da nossa visita, descobriram-se no jardim os ossos de uma criança, enterrada evidentemente desde muito tempo. Não de convir que seja este um fato digno de nota. Raras são os casos

assombradas e não menos raras devem ser, suponho, as que nos seus jardins tenham restos humanos enterrados. Reunir numa casa essas duas circunstâncias excepcionais, sem dúvida, constitui argumento em prol da autenticidade do fenômeno. É interessante lembrar que também no caso da família Fox se falou da descoberta de ossos enterrados na cava, provando que um assassinio ali se cometera, sem que entretanto se tivesse podido verificar a hipótese de um crime recente.

Não duvido de que, se a família Wesley houvesse conseguido chegar à fala com seus perseguidores, também teria conhecido o motivo da perseguição. Isto quase parece indicar que, quando uma vida é cortada violenta e prematuramente, certa quantidade de energia vital não consumida permanece em condições de se manifestar de modo estranho e maléfico. Mais tarde observei um outro fenômeno do mesmo gênero que descreverei no fim deste trabalho.

Desde então, até que estalou a guerra, continuei a consagrar as horas de lazer de uma existência muito laboriosa ao estudo atento deste assunto. Assisti a uma série de sessões que deram surpreendentes resultados, inclusive várias materializações visíveis numa meia obscuridade. Como, porém, pouco depois o médium foi surpreendido em fraude, deixei de considerar probantes aquelas sessões. Penso, entretanto, não ser a presunção de que, pelo fato de alguns médiuns, como Eusápia Paladino, se tornarem culpados de fraude, quando lhes sucede falharem as faculdades que possuem, de outras vezes não produzam fenômenos cuja autenticidade se possa provar.

A mediunidade, nas suas formas menos elevadas, é um dom puramente físico, que nenhuma relação tem com a moralidade; em muitos casos é intermitente e não pode ser governada à vontade. Pelo menos duas vezes Eusápia foi apanhada a cometer fraudes grosseiras e estúpidas, ao passo que de outras muitas sofreu demorados exames, feitos em condições de excluírem toda suspeita de embuste, por

comissões científicas compostas dos homens mais eminentes da França, da Itália e da Inglaterra.

Não obstante, prefiro riscar do rol das minhas observações todas as experiências realizadas com um médium desacreditado e tenho para mim que os fenômenos físicos produzidos no escuro necessariamente perdem muito do seu valor, a menos que sejam acompanhados de comunicações inteiramente comprobatórias.

Pretendem os que costumam criticar-nos que, se excluirmos os médiuns que se tornaram suspeitos, teremos que abrir mão da maior parte das provas em que nos apoiamos. Absolutamente não é assim. Eu, até então, ainda não travara relações com um médium profissional e, no entanto, já reunira algumas provas. O mais notável de todos os médiuns, D. D. Home, produziu fenômenos à plena luz do dia e estava sempre disposto a submeter-se a todas as verificações e jamais contra ele se pode levantar qualquer acusação de fraude. E, como esse, muitos outros.

Cumpra ainda ponderar que, quando um médium público serve de reclamo aos que andam a busca de notoriedade, aos detetives amadores e a repórteres ávidos de notícias de sensação; quando intervém na produção de fenômenos obscuros e inelucidáveis, tendo que se defender perante júris e juízes que, de ordinário, nada conhecem do que influencia as manifestações mediúnicas, seria prodigioso que lograsse escapar de um escândalo ocasional.

Também importa reconhecer que o sistema, em geral adotado presentemente, de pagar-se ao médium conforme os resultados obtidos, nada recebendo ele se nada produzir, é o pior possível. Somente quando se assegurar ao médium profissional um honorário determinado, independente dos resultados que com ele se consigam, estará afastada definitivamente a tentação de substituir por pretensos fenômenos os que não se produzam.

Tenho assim esboçado a evolução de minhas idéias até quando rebentou a guerra. Creio poder pretender se reconheça que ela foi bem cautelosa e que nenhum traço apresenta

dessa credulidade de que nos fazem carga os nossos adversários. Foi mesmo por demais demorada, pois que me sinto culpado de lentidão em atirar à balança da verdade a pouca influência de que porventura goze. Sem a guerra, provavelmente houvera passado o resto de minha vida qual simples investigador dos problemas psíquicos, demonstrando uma atitude de simpático diletantismo para com este assunto, como se tratasse de alguma coisa impessoal, como se tratasse, por exemplo, da existência da Atlântida ou da controvérsia Baconiana.

Mas, veio a guerra e, fervor das almas, nos obrigou a olhar mais intimamente para as nossas crenças, a fim de lhes renovarmos o valor. Em face de um mundo que agonizava, ouvindo narrar diariamente como morria a flor da nossa raça, nos primeiros albores da sua juventude, observando, à volta de nós, às esposas e as mães sem fazerem idéia clara do destino que teriam tido os seres a quem amavam, de pronto se me afigurou que o assunto com que desde tanto tempo eu brincava não se resumia apenas no estudo de uma força que escapava aos preceitos da ciência, que nele havia alguma coisa verdadeiramente tremenda; o desabar de muralhas entre dois mundos, uma mensagem inegável vinda diretamente do Além, um brado de esperança e de encaminhamento para o gênero humano, na hora da sua mais viva aflição.

O lado objetivo da questão deixou de me interessar. Convencido, afinal, da sua veracidade, não havia mais por que prosseguir. Seu lado religioso apresentava importância infinitamente maior. A campainhada do telefone é coisa em si mesmo pueril, mas pode dar-se que seja a chamada para uma comunicação de vital interesse. Afigurou-se-me que todos esses fenômenos, grandes e pequenas, eram campainhadas de telefones que, sem significação em si mesmas, bradavam aos homens: "Levantai-vos! Alerta! Atendei! Estes sinais são para vós outros! Eles vos previnem da mensagem que Deus vos quer enviar!"

O que tem valor real é a mensagem, não os sinais. Pareceu-me que uma Nova Revelação estava em via de ser

dada ao mundo, embora ainda se achasse num ponto que podemos comparar ao de S. João Batista com relação ao Cristo e sem que ninguém possa saber se chegaremos algum dia a recebê-la com maior precisão e clareza. Na minha opinião, os fenômenos psíquicos, verificados até à evidência par todos os que hão tido o cuidado de estudá -los, em si nada valem; o justo valor deles está em que servem de base, dando -lhe uma realidade objetiva, a um imenso corpo de doutrina que há de modificar profundamente as nossas anteriores idéias religiosas e que, quando bem compreendido e assi milado, fará da religião alguma coisa de muito real, não mais simples matéria de fé, porém de experimentação e de fato.

Para este lado da questão é que me voltarei agora, aditando, todavia, ao que acabo de dizer das minhas experiências pessoais, que, desde que a guerra começou, tenho tido algumas oportunidades excepcionais de ver confirmado o conceito que já formara quanto à verdade dos fatos gerais sobre que se apóiam minhas opiniões.

Tais oportunidades nasceram da circunstância de haver uma senhora das nossas relações, Miss L. S., demonstrado possuir a faculdade de escrever automaticamente. A meu ver, de todas as formas da mediunidade, esta é a que precisa ser provada mais rigorosamente, pois que mais facilmente se presta a ocasionar, não tanto uma decepção qualquer, mas a sua própria, o que é infinitamente mais sutil e perigoso. É ela mesma quem escreve? Ou há, como afirma, um poder que a dirige, conforme afirmava o cronista dos israelitas, na Bíblia?

No caso de Miss L. S., não há negar que se reconheceram inexatas algumas das mensagens por ela transmitidas. Especialmente em matéria de tempo não podiam ser levadas em conta. Douro lado, o número das que se reconheceram exatas excedia a tudo o que qualquer conjetura ou coincidência pudesse explicar. Assim, quando o "Lusitânia" submergiu e os jornais do dia anunciaram que, tanto quanto se sabia, não houvera perda de vida, o médium escreveu imediatamente: "É terrível, terrível; e terá grande influência na guerra." Com efeito, isso foi o que mais fortemente impeliu a

América a entrar no grande conflito. A comunicação, pois, fora exata, a ambos os respeitos.

Doutro vez, Miss L. S. predisse o recebimento de um telegrama importante em determinado dia e indicou o nome do expedidor, a pessoa de quem menos se poderia esperá-lo. Inegável se tornou a realidade da sua inspiração, conquanto fossem notórios os equívocos havidos. Foi como se houvéssemos recebido excelente comunicação através de um aparelho telefônico imperfeito.

Um outro incidente ocorrido no princípio da guerra se me fixou na memória. Em certa cidade de província morreu uma senhora por quem eu me interessava. Era uma doente crônica e ao lado de seu leito mortuário encontraram morfina, o que deu motivo a um inquérito judiciário, que a nenhum resultado chegou. Passados oito dias, realizei uma sessão com o Sr. Vout Peters. Depois de me dizer muitas coisas vagas e nada concludentes, declarou ele de súbito: "Está aqui uma senhora amparada por outra mais idosa. Persiste em dizer morfina. Já o repetiu três vezes. Seu cérebro se acha obscurecido. Ela não o faz conscientemente." Estas foram, quase que textualmente, suas palavras. A telepatia nada teve que ver com essa comunicação, porquanto muitos outros eram os meus pensamentos e não contava com semelhante comunicado.

O movimento espírita há de adquirir muita intensidade, não só por efeito das experiências pessoais, mas também devido à admirável literatura a que tem dado nascimento nestes últimos anos. Se, contudo, não existissem mais livros espiritualistas do que os cinco que apareceram recentemente, esses bastariam, em minha opinião, para convencer dos fatos qualquer investigador imparcial. Os livros a que me refiro são: Raymond, do professor Lodge; *Psychical Investigations* (Investigações Psíquicas), de Arthur Hill; *Reality of Psychical Phenomena* (Realidade dos Fenômenos Psíquicos), do professor Crawford; *Threshold of the Unseen* (Limiar do Invisível), da professor Barret; e *Ear of Dionysius* (Ouvido de Dionísio), de Gerald Balfour.

Antes de abordar a questão de uma nova revelação religiosa, de explicar como é obtida e em que consiste, quisera dizer uma palavra sobre outro assunto. Da parte dos nossos adversários tem havido sempre duas maneiras de atacar -nos. Uma delas se reduz à afirmação de que são falsos os fatos em que nos baseamos. A essa já atendi. A outra é a de que pisamos terreno proibido, do qual nos deveríamos afastar imediatamente. Com relação a mim, esta objeção jamais teve significação alguma, pois que parti de um ponto relativamente materialista. Desejo, entretanto, submeter uma ou duas considerações aos que possam ser por ela atingidos.

A principal dessas considerações é que Deus não nos há concedido faculdade alguma de que nos não devamos servir nunca, em nenhuma circunstância. O simples fato de a possuímos é prova de que estamos na obrigação de estudá-la e desenvolver. Verdade é que, se perdermos o critério da proporção e da razão, poderemos ser levados a abusar dessa faculdade, como de qualquer outra. Mas, repito, o simples fato de a possuímos constitui forte razão de que nos é lícito e mesmo obrigatória usar dela.

Não esqueçamos também que a pecha de "conhecimentos ilícitos", apoiada em textos mais ou menos apropriados, se lançou sempre contra todos os progressos do saber humano. Lançou-se contra Galvani e a eletricidade. Lançou-se contra Darwin, que certamente houvera sido condenado à fogueira, se vivera alguns séculos antes. Até contra Simpson, por ter empregado o clorofórmio em casos de parto, ela foi lançada, sob o pretexto de que a Bíblia diz: "Parireis com dor." É fora de dúvida que um argumento de que se tem usado tantas vezes e que tantas vezes tem sido abandonado, já não pode ser tomado a sério.

Todavia, àqueles para quem o ponto de vista teológico constitui uma pedra de tropeço, eu recomendaria a leitura de dois livrinhos, escritos ambos por clérigos. O primeiro, do pastor Fielding Ould, se intitula - Is Spiritualism of the Devil? (O Espiritismo é do Diabo?). O outro tem por autor o pastor Arthur Chamber e por título: Our self alter death (Nós mesmos depois

da morte). Posso também recomendar os escritos do pastor Charles Tweedale sobre essa matéria. Acrescentarei que, quando comecei a tornar públicas minhas idéias acerca desta questão, uma das primeiras cartas de felicitações que recebi foi do hoje falecido arcediácono Wilberforce.

Teólogos há que não se limitam a fazer oposição ao Espiritismo unicamente como doutrina; que vão mesmo ao ponto de dizer que os fenômenos e as comunicações provêm dos demônios, que se fazem passar pelos nossos mortos, ou por instrutores celestes. Não se pode admitir que os que emitem semelhantes opiniões tenham experimentado alguma vez pessoalmente os efeitos consoladores e verdadeiramente elevados que tais comunicações produzem-nos que as recebem. Ruskin deixou registrado que a sua convicção acerca da vida futura lhe viera do Espiritismo, embora acrescentando, com certo ilogismo e muita ingratidão, que, tendo alcançado o que queria, nada mais tinha que ver com isso.

Considerável, no entanto, é o número - quorum pars parva sum - dos que, sem reserva alguma, podem declarar que passaram do materialismo à crença na vida futura, com tudo quanto essa crença implica, apenas estudando o assunto. Se isso é obra do diabo, será forçoso confessar que o diabo é um obreiro muito inábil, pois que os resultados que consegue são diametralmente opostos aos que se deve crer que ele deseje.

2 A REVELAÇÃO

Posso agora, com certo desafogo, abordar um aspecto mais pessoal desta importante questão. Aludi à constituição de uma nova doutrina. Donde nos vem ela? Vem principalmente pela escrita automática, que a mão do médium traça, quando este a tem governado, seja pelo suposto espírito

de um ser humano já morto, como no caso de Miss Júlia Ames, seja por um suposto instrutor invisível, como no de Stainton Moses.

Essas comunicações escritas não são completadas por grande número de exposições feitas pelo médium em estado de transe e por mensagens dadas verbalmente pelos espíritos, servindo-se estes dos órgãos vocais do médium. Algumas vezes, até, têm vindo sem intermediário, falando os espíritos diretamente, como nos diversos casos que o almirante Usborne Moore refere no seu livro *The Voices* (As Vozes). Não raro também têm sido reveladas a alguns círculos familiares, por meio da mesa girante, como nos dois casos que acima relatei, tratando das minhas experiências pessoais. Outras vezes, como no caso citado por Morgan, têm sido transmitidas pela mão de uma criança.

Logo certamente se nos faz esta objeção: Como sabeis que essas mensagens vêm de fato do Além? Com o podeis saber que o médium não escreve conscientemente, ou, admitido que isto seja improvável, que não escreve apenas, sem que de tal se aperceba, o que lhe é ditado pelo seu subconsciente? É esta uma objeção perfeitamente razoável e que devemos ter em conta diante de qualquer caso, porquanto, se o mundo viesse a encher-se de profetas sem valor, cada um alardeando suas idéias acerca do novo domínio religioso e apoiando-as unicamente nas suas próprias afirmações, volveríamos aos obscuros tempos da fé cega.

Devemos responder que reclamamos provas cuja autenticidade podemos testificar e que não aceitamos asserções cuja veracidade se não possa provar. Ou trora se pedia ao profeta um sinal atestador do que dizia. Era uma exigência absolutamente justa e que hoje também o é. Se alguém me trouxesse uma descrição da vida em qualquer outro mundo, sem mais credenciais que não as suas próprias afirmações, longe de colocar esse trabalho sobre a minha mesa de estudos, atirá-lo-ia à cesta dos papéis inservíveis. A vida é por demais curta para aferirmos do valor de semelhantes produções.

Se, porém, como se deu com Stainton Moses em seus Ensinos Espiritualistas, as doutrinas apresentadas como vindas do Além são acompanhadas da manifestação de múltiplas faculdades anormais - e Stainton Moses foi a todos os respeitos um dos mais notáveis médiuns que a Inglaterra já produziu - então encaro o assunto com mais seriedade.

Igualmente, desde que Miss Júlia Ames logrou, da sua vida terrena, revelar a Stead particularidades que ele não podia conhecer e que, depois de muitas investigações, verificou serem exatas, naturalmente qualquer pessoa se sentirá inclinada a admitir como verdadeiras outras revelações cuja exatidão se não pode provar. Assim, também, desde que um Raymond nos pode descrever uma fotografia, da qual nenhuma cópia havia chegado à Inglaterra e que depois se verifica ser exatamente como fora descrita; desde que esse Raymond, por boca de estranhos, nos transmite toda sorte de detalhes da sua vida familiar, detalhes que seus parentes verificaram e atestaram ser exatos; fora despropositado dar -lhe crédito quando ele descreve o gênero de vida que tem no Além, no momento mesmo em que se comunica conosco?

Ainda mais: quando Sir Arthur Hill recebe mensagens de pessoas de quem nunca ouvira falarem e verifica que tais mensagens são verdadeiras em todos os seus pontos, não é justo deduzir-se que essas entidades dizem a verdade quando nos elucidam sobre as condições em que se encontram?

Conta-se por muitos os casos desta natureza. Apenas menciono alguns. Mas, penso que todo o sistema que eles formam, desde o fenômeno físico do simples ruído numa mesa até a mais inspirada alocução de um profeta, constitui um todo completo, uma cadeia cujos elos se ligam uns aos outros e que, se o extremo inferior dessa cadeia veio ter às mãos da Humanidade, foi para que esta, por seus esforços e pelo uso da razão, encontrasse o caminho a seguir até chegar à revelação que a esperava no extremo superior.

Não mofeis do fato de lhe terem servido de início as mesas girantes ou as pranchetas a flutuarem no ar, embora esses fenômenos possam ter sido muitas vezes enganosos ou

simulados. Lembremo-nos de que a queda de uma maçã nos deu a lei da gravidade; de que da panela a ferver nos veio à máquina a vapor; de que a contração da pata de uma rã abriu caminho às elucubrações e experiências que nos levaram à descoberta da eletricidade. Do mesmo modo as grossas manifestações de Hydesville deram em resultado interessar pelo assunto a plêiade dos mais eminentes intelectuais daquele país, durante os últimos vinte anos, estando, a meu ver, destinadas a imprimir às experiências humanas o maior desenvolvimento que já o mundo presenciou.

Personalidades cujas opiniões têm na mais alta conta, especialmente Sir William Barrett, afirmaram que a investigação psíquica é coisa inteiramente distinta da religião. Isso é incontestável no sentido de que um mau indivíduo pode, no entanto, ser excelente investigador dos fenômenos psíquicos. Mas, os resultados dessas pesquisas, as deduções que delas podemos tirar e as lições que podemos colher nos ensinam à sobrevivência da alma, a natureza dessa sobrevivência e como o nosso proceder neste mundo a influencia. Se isto é coisa distinta de religião, confesso que não compreendo bem a distinção. Para mim, é religião, é a essência mesma da religião.

Não quer, entretanto, dizer que esses resultados virão necessariamente a cristalizar-se numa nova religião. Pessoalmente confio que tal não se dará. Já nos achamos sobejamente divididos. Antes, vejo neles a grande força unificadora, a única coisa provável em conexão com qualquer das religiões, cristã ou não, formando uma sólida base comum sobre a qual cada uma delas, admitido que o deva fazer, erija um sistema particular em correspondência com os vários tipos de mentalidades.

Efetivamente, as raças meridionais preferirão sempre, em oposição às do Norte, o que seja menos austero; as do Oeste serão sempre mais analistas do que as do Leste. Ninguém poderá conduzir todas a uma perfeita igualdade de nível. Todavia, se forem aceitas as amplas premissas que o

ensinamento vindo do Além nos oferece, a Humanidade terá avançado grandemente para a paz religiosa e para a unidade.

Logo, porém, esta outra questão se nos apresenta: De que maneira atuará o Espiritismo sobre as antigas religiões existentes e sobre os diferentes sistemas filosóficos que têm influenciado as ações dos homens. A resposta é que só a uma dessas religiões ou filosofias a nova revelação será absolutamente fatal: ao Materialismo. Não digo isto com espírito de hostilidade aos materialistas, que, como coletividade organizada, é tão sérios e morais como qualquer outra classe. Porém, é manifesto que, se o espírito pode viver sem a matéria, desaparece a base mesma do materialismo, acarretando o desmoronamento de todas as suas teorias.

Pelo que toca às outras crenças, forçoso será admitir que a aceitação do ensino que nos vem do Além modificaria profundamente o Cristianismo convencional. Essas modificações, entretanto, não se fariam no sentido de contradição, mas no de explicação e desenvolvimento. Aquele ensino corrigiria as graves dissensões que sempre chocaram a razão dos pensadores, confirmando e tornando absolutamente certo o fato da continuação da vida após a morte, fundamento de todas as religiões. Confirmaria as desgraçadas conseqüências do pecado, mas mostrando que elas não são eternas. Confirmaria a existência de seres superiores, até aqui chamados anjos, e a de uma hierarquia ascendente acima de nós, na qual tem seu lugar o espírito do Cristo, colocado a uma altura do infinito a que associamos sempre a idéia de onipotência, ou seja, de Deus. Confirmaria, enfim, a idéia de um céu e de um estado penal transitório, ponderado mais ao purgatório do que ao inferno.

Assim, a nova revelação, na maioria de seus pontos essenciais, não se apresenta como destruidora das velhas crenças. Ela, pois, seria recebida pelos fiéis, realmente fervorosos, de todos os credos, antes como uma aliada poderosa, do que como um perigo inimigo engendrado pelo diabo.

Examinemos, por outro lado, os pontos em que o Cristianismo deverá ser modificado pela nova revelação.

Antes de tudo direi uma coisa, óbvia para muitos, que, no entanto, muito a deploram: o Cristianismo tem que evoluir ou perecer. É lei da vida que o que não se adapta perece. O Cristianismo já deferiu demais a sua transformação; deferiu-a tanto que as suas igrejas já se acham meio vazias; que as mulheres lhe constituem o principal sustentáculo; que, assim, de um lado, os membros mais instruídos da coletividade humana, como, de outro, os mais pobres, quer na cidade, quer no campo, se separaram completamente dela. Procuremos descobrir a razão deste estado de coisas. Ele é patente em todas as seitas do Cristianismo. Deriva, portanto, de alguma profunda causa comum.

As gentes se afastam porque francamente não podem ter por verdadeiros os fatos tais como lhes são apresentados. Semelhante coisa lhes ofende igualmente a razão e o senso da justiça. Ninguém, com efeito, pode vislumbrar justiça num sacrifício feita em substituição, nem num Deus cuja clemência só por esse meio se consiga. Sobretudo, muitos há que não logram compreender o que signifiquem expressões como "remissão do pecado", "purificação pelo sangue do Cordeiro" e outras.

Enquanto perdurou a questão da queda do homem, havia pelo menos, para tais frases, certa explicação. Desde que, porém, ficou demonstrado que jamais o homem caiu; desde que, graças ao progresso da ciência, se nos tornou possível reconstituir a nossa ascendência ancestral e, passando pelo homem das cavernas e pelo homem nômade, remontar às épocas sombrias e distantes em que o macaco-homem evoluiu lentamente para o homem-macaco; se lançamos um olhar retrospectivo sobre essa longa sucessão da vida verificamos que ela se vai sempre desdobrando passo a passo, sem que encontremos nunca qualquer prova de queda. Ora, se queda nunca houve, a que ficam reduzidas às doutrinas da expiação, da redenção, do pecado original? Numa palavra, que resta de uma grande parte da filosofia mística do Cristianismo?

Dado que aquelas doutrinas tivessem sido tão racionais em si mesmas, quanto presentemente são absurdas, elas estariam, apesar de tudo, em oposição aos fatos.

Acresce que muito exagero houve, ao que parece, com relação à morte do Cristo. Morrer alguém por uma idéia não é fato fora do comum. Todas as religiões tiveram seus mártires. Constantemente morrem homens pelas suas convicções. Milhares de nossos mancebos estão fazendo isso, neste momento, em França. Daí vem que a morte do Cristo, sublime, aliás, como a descreve o Evangelho, assumiu uma importância injustificada, como se constituísse fenômeno singular sacrificar-se um homem pela realização de uma reforma.

No meu entender, à morte do Cristo se atribuiu excessivo valor, ao passo que muito pouca se tem dado à sua vida. Entretanto, nesta é que se encontram a verdadeira grandeza e a verdadeira lição. Mesmo imperfeitamente descrita como o é, foi uma vida onde nenhum traço se descobre que não seja admirável; uma vida plena de tolerância para com todos, de suave caridade, de ampla moderação, de serena coragem; vida sempre votada ao progresso e aberta a todas as idéias novas; vida sem nenhuma nota de azedume contra as idéias que ele realmente suplantava, se bem manifestasse justificado desgosto ante a estreiteza de espírito e a tartufice dos que as defendiam. Particularmente notável era nele a agudeza com que penetrava o espírito mesmo da religião, pondo de lado os textos e as fórmulas. Não há exemplo de igual bom senso, nem de tanta simpatia para com os fracos. Em verdade, sua vida foi a mais maravilhosa de quantas se conhecem, o que não se dá com a sua morte, que, não obstante, forma o ponto central da religião cristã.

Consideremos agora quanta luz os nossos guias espirituais têm lançado sobre a questão do Cristianismo. Lá na Além as opiniões não são absolutamente uniformes, como não o são aqui na terra. Contudo, se lê certo número de comunicações sobre esse assunto, vê-se que tudo se reduz a isto: Juntamente com os nossos mortos, há muitos espíritos mais elevados, variando entre eles os graus de elevação.

Chamemos-lhes "anjos" e nos teremos aproximado da antiga concepção religiosa.

Acima de todos esses espíritos se acha o maior Espírito que eles conhecem e que não é Deus, pois que Deus, sendo infinito, não lhes está ao alcance da percepção. É o espírito mais próximo de Deus e que, até certo ponto, o representa: o Espírito do Cristo. A Terra é o objeto de toda a sua solícitude. Ele a ela baixou numa época de grande depravação, numa época em que o mundo era quase tão perverso quanto agora, a fim de dar o exemplo de uma vida ideal. Em seguida, voltou à morada celestial que lhe é própria, tendo legado aos homens ensinamentos que ainda por vezes são postos em prática. Eis a história do Cristo, conforme a narram os espíritos. Nela nada há de expiação, nem de redenção. Encerra, porém, a meu ver, um sistema perfeitamente racional e realizável.

Se esta maneira de conceber o Cristianismo fosse geralmente aceita, tendia a corroborá-la a certeza e a demonstração que nos vêm do outro mundo pela Nova Revelação, então possuiríamos uma crença que unificaria todas as igrejas, que estaria de acordo com a ciência, que desafiaria todos os ataques e sustentaria indefinidamente a fé cristã. A razão e a fé se reconciliariam finalmente; todos nos livraríamos de um pesadelo atroz e reinaria a paz espiritual.

Não entrevejo a consecução desses resultados por efeito de uma conquista rápida ou de uma violenta revolução. Eles advirão por meio de uma penetração pacífica, do mesmo modo que certas idéias abstrusas, qual, por exemplo, a de um inferno eterno, se vão lentamente apagando, já nos tempos que correm. Mas, é quando a alma humana se acha trabalhada e torturada pela dor que se devem espalhar as sementes da verdade. Se assim fizemos, destes dias em que vivemos despontará no futuro uma abundante colheita espiritual.

Quando leio o Novo Testamento com o conhecimento que tenho do Espiritismo, fico profundamente convencido de que os ensinamentos do Cristo, sob vários pontos de vista muito importantes, a Igreja primitiva os perdeu, de sorte que não chegaram até nós. Todas as alusões, que ele encerra, à

possibilidade de triunfar-se da morte, nada significam, ao que me parece, na atual filosofia cristã. Entretanto, para os que já vira alguma coisa, ainda que obscuramente, através do véu que nos encobre o mundo invisível; para os que já tocaram, ainda que ligeiramente, as mãos que se nos estendem do Além, para esses a morte já foi vencida.

Quando ele nos fala de fenômenos que se nos tornaram familiares, tais como as levitações, as línguas de fogo, as ventanias, os dons espirituais, em suma - de milagres, reconhecemos que o fato capital entre todos, o da continuidade da vida e da comunicação com os mortos, era plenamente conhecido naquela época. Se nos deparamos ditos como este: "Aqui ele não fez milagres porque o povo carecia de fé." Isto não está de perfeito acordo com a lei psíquica que conhecemos? Noutro ponto lemos que o Cristo, tendo sido tocado pela hemorroíssa, exclamou: "Quem me tocou? Sinto que de mim saiu uma virtude." Pudera ele ter dito mais claramente o que um médium curador diria hoje, apenas empregando a palavra "poder" em lugar do termo "virtude"?

Mais ainda. Quando lemos: "Experimentai os espíritos, para saberdes se eles são de Deus", não encontramos aí o aviso que hoje daríamos ao neófito que quisesse tomar parte numa sessão?

Excessivamente vasta é esta questão para que me seja possível mais do que enflorá-la. Creio, no entanto, que este assunto, que as igrejas cristãs mais rigoristas presentemente atacam com tanto furor, constitui realmente a ensino básico do próprio Cristianismo. Aos que quiserem ir mais longe nesta ordem de idéias, recomendo muito a Feitura do livro do doutor Abraham Wallace, Jesus de Nazaré, caso não esteja esgotada a edição dessa valiosa obrinha. Seu autor demonstra, de modo convincente, que os milagres da Cristo estavam todos no campo de ação da psíquica, como a compreendemos hoje, e se conformavam, ainda nas menores particularidades, com os princípios precisos dessa lei.

Dois exemplos já foram citados. Muitos outros são apontados no opúsculo a que me refiro. O que me convenceu

da veracidade da tese sustentada nele foi que, se a apreciamos de conformidade com aquela lei, a história da materialização dos dois profetas, no monte, se nos patenteia extraordinariamente exata. Há primeiramente a notar que Jesus escolheu para o acompanharem a Pedro, Tiago e João, os mesmos que formavam o círculo psíquico na ocasião em que o morto foi chamado de novo à vida e que, provavelmente, do grupo dos discípulos, eram os mais apropriados ao fenômeno. Houve depois a preferência pelo ar puro da montanha, a sonolência que atacou os três médiuns, a transfiguração, as vestes resplandecentes, a nuvem, as palavras: "Construamos três tabernáculos", que também se podem ler: "Construamos três tendas ou gabinetes", meio ideal de se produzirem às materializações pela concentração dos poderes psíquicos.

Tudo isto compõe uma teoria muito sólida da natureza dos processos. Quanto ao mais, os dons que S. Paulo indica como de necessidade que o discípulo cristão reúna, em si, são idênticos aos que um médium poderoso deve possuir, compreendidas as faculdades de profetizar, de curar, de operar milagres (ou fenômenos físicos), de clarividência e outros. (Epístola aos Coríntios, XII, 8, 11.)

A primitiva igreja cristã viveu saturada de Espiritismo e não parece que tenha atendido às proibições do Velho Testamento, as quais objetivavam reservar esses poderes para uso e proveito do clero.

3

A VIDA FUTURA

Deixando de parte este assunto, vasto e possivelmente litigioso, das modificações que as novas revelações poderão produzir no Cristianismo, tentarei esboçar o que sucede ao homem depois da morte. As provas relativas a este ponto são fortes e cabais.

Em muitos países e em épocas diversas, numerosas mensagens se têm recebido dos mortos, as quais mantêm, com referência a este mundo, grande cópia de informes cuja exatidão se verificou. Assim sendo, parece-me razoável se considere também como verdade o que, de tais mensagens, escape à nossa verificação. Demais, deparando-se-nos uma uniformidade realmente notável entre essas mensagens e não menor concordância nas particularidades que encerram e que de nenhum modo correspondem a qualquer ordem de idéias preexistentes, julgo que com muita firmeza se pode presumir da veracidade delas. Custa-me a crer que sejam falsas vinte ou trinta comunicações, recebidas de várias origens e acerca das quais possuo notas por mim mesmo tomadas, concordantes todas; nem vejo como se possa supor que os espíritos falem verdade quando tratam do nosso mundo e mentem quando se referem ao em que se acham.

Ultimamente, na mesma semana, recebi duas descrições da vida no Além, a primeira por intermédio de um parente próximo de alto dignitário da Igreja, a segunda pela esposa de um operário mecânico da Escócia. Nenhuma dessas criaturas tinha conhecimento da existência da outra e as duas descrições se assemelham tanto que praticamente são idênticas.

As mensagens, a este respeito, parecem-me infinitamente tranquilizadoras, quer se refiram: ao nosso próprio destino, quer aos dos nossos amigos. Todos os que hão daqui partido são concordes em dizer que a passagem para o Além é, regra geral, ao mesmo tempo fácil e sem sofrimento e seguida de enorme reação de paz e bem-estar. Cada um lá se encontra revestido de um corpo espiritual, reprodução exata do que ficou aqui na terra, com a só diferença de não apresentar a enfermidade, a fraqueza e a deformidade que havia neste último. Esse corpo espiritual, ao dar-se o desprendimento, se conserva imóvel ou flutuando ao lado do de corpo, consciente da existência deste, bem como da presença das pessoas que o cercam.

Nesse momento, o morto se acha mais próximo da matéria do que o estará dali per diante em qualquer ocasião. Daí vem que então é quando, principalmente, se dão os casos em que, dirigindo-se o pensamento do morto para alguém que se ache distante, o corpo espiritual acompanha o pensamento e aparece a esse alguém. Em cerca de duzentos e cinqüenta desses casos cuidadosamente estudados pelo Sr. Gurney, cento e trinta e quatro de tais aparições ocorreram no instante mesmo da dissolução, isto é, quando, ao que imaginamos, por se achar talvez o corpo espiritual ainda muita materializado, é mais visível para os alhos humanos de uma pessoa amiga do que o será depois.

Essas aparições, todavia, são muito raras em comparação com o número total dos que morrem. Ao que suponho, a maior parte das vezes, aquele que morre se encontra por demais preocupada com o que de extraordinário lhe sucede em tal circunstância para pensar nos outros.

Com grande surpresa, começa por notar que, apesar de todos os seus esforços para se comunicar com os que ali vê, sua voz e seu tato etéreos nenhuma impressão causam ao organismo humano, que só vibra de harmonia com estímulos mais grosseiros. Belo tema para especulação é o investigar se um conhecimento mais profundo dos raios luminosas que sabemos existir de cada um dos lados do espectro, ou dos sons cuja realidade se pode provar pelas vibrações de um diafragma, conquanto sejam muito sutis para ouvidos mortais, não será de molde a nos levar a mais amplos conhecimentos psíquicos.

Deixemos, porém, isto de lado e acompanhemos a sorte do espírito que se vai. Ele observa que, no aposento onde expirou, outras seres se encontram além dos que deixou vivas no mundo e, entre esses outros, que lhe parecem tão substanciais como os vivos, surgem figuras que lhe são familiares e sente que lhe apertam as mãos e lhe beijam as faces os que ele amara e perdera. Então, na companhia destes e amparado e guiado por um ser mais radioso que, também ali presente, aguardava o recém-chegado, este, cada vez mais

surpreendido, parte, atravessando todos os obstáculos materiais, e entra na sua nova vida.

Aqui está uma exposição precisa e o que todos repetem com uma persistência que nos força a crer. Como se vê, muito isto difere do que ensina a velha teologia. O espírito não é, pois, nem um anjo glorificado, nem um duende condenado, mas sim a própria pessoa que daqui se foi, conservando a força ou a fraqueza, a sabedoria ou a loucura, que lhe eram peculiares, exatamente como conserva a aparência corpórea que tinha.

Bem se poderia acreditar que, intimidados por tão tremenda experiência, os mais frívolos e insensatos se modificassem para melhor; porém as impressões recebidas logo se embotam, o natural próprio do indivíduo retoma o seu ascendente no novo meio a que ele se transferiu e os frívolos continuam a subsistir, como o podem atestar algumas das nossas sessões particulares.

Antes, contudo, de entrar em a sua nova vida, passa o espírito recém-chegado no Além por um período de adormecimento, cuja extensão varia, pois que, mal existindo para uns, para outros dura semanas ou meses. Raymond diz que esse período foi para ele de seis dias. Também foi o mesmo para um outro espírito, num caso de que tive conhecimento pessoal. Por outro lado, disse Myers que muito prolongado fora para ele o período de torpor.

Imagino que a duração desse estado é regulada pelo grau de perturbação ou de preocupação mental que a vida terrena cause naquele que acaba de desencarnar. Um repouso mais prolongado oferece o meio de escoimá-lo de tais preocupações. Uma criança provavelmente nenhuma necessidade tem de atravessar esse período. Esta última nota não passa de simples observação especulativa; considerável, porém, é o acervo de opiniões no sentido da existência de um período de esquecimento, seguindo-se à primeira impressão que o espírito recebe da sua nova vida e antecedendo o momento em que entra nela definitivamente.

Ao despertar desse sono, o espírito se sente fraco como a criança que acaba de nascer. Logo, entretanto, lhe voltam às forças e a nova vida começa. Isto nos leva a considerar o céu e o inferno.

A idéia do inferno, posso dizer, se vai dissipando totalmente, como de há muito se dissipou da mente de todos os que raciocinam. Tão odiosa concepção, blasfematória, no seu objetivo, do Criador, se originou dos exageros da fraseologia oriental. Talvez tenha prestado serviço em eras primitivas, quando o fogo aterrorizava os homens, como o viajante amedronta as feras.

No sentido de um lugar permanente, o inferno não existe. Mas, a idéia de punição, de castigos purificadores, quais os do purgatório, o que se nos diz do Além a confirma. Sem punição, não haveria justiça no Universo, porquanto fora impossível admitir-se que a sorte de um Rasputin seja idêntica à de um Pai Damião. O castigo é realmente certo e muito sério, se bem que, nas suas formas menos severas, consista unicamente em serem as almas mais grosseiras colocadas em esferas inferiores, sabendo que foram suas próprias ações que lhes acarretaram essa situação, nutrindo contudo a esperança de que a expiação e a ajuda dos que lhes estão acima as educarão e elevarão ao mesmo nível das demais. A essa obra de salvação se votam em parte os espíritos mais elevados.

Miss Júlio Ames, na sua bela obra póstuma, inseriu estas memoráveis palavras: "A maior alegria do céu consiste em esvaziar o inferno."

Postas de parte essas esferas de provações, que antes deveriam talvez ser tidas como hospitais para almas fracas, do que como penitenciárias, as comunicações que nos vêm do outro mundo são acordes em declarar agradáveis as condições da vida no Além.

Dizem elas que os que se assemelham se atraem reciprocamente, que os que se amam ou têm interesses comuns se reúnem, que a existência lá é cheia de atrações e ocupações e que nenhum deles desejaria de modo algum voltar à Terra. Todas essas notícias são efetivamente de molde

a nos proporcionarem grande alegria e repito que não dão motivo para uma fé ou uma esperança vagas, que, ao contrário, são amparadas por todas as leis da evidência, leis segundo as quais, sempre que muitas testemunhas, sem ligação alguma entre si, fazem depoimentos similares, justo é se considere como verdadeiro o que dizem.

Se no que narram falassem de almas glorificadas, instantaneamente expurgados de todas as fraquezas humanas e de um constante êxtase de adoração em derredor do trono do onipotente, poder-se-ia suspeitar que suas narrativas fossem mero reflexo dessa teologia popular que todos os médiuns aprenderam na infância. Elas, entretanto, divergem profundamente de qualquer doutrina preexistente. Além disso, têm a apoiá-las, como já o fiz notar, não só a conformidade que apresentam, mas também o fato de serem o resultado final de longa série de fenômenos, todos atestados como reais pelos que cuidadosamente os observaram.

A propósito dessa questão, em geral, da continuação da vida após a morte, poder objetar que já pela fé se tinha ciência dela. Mas a fé, conquanto cheia de beleza quando apreciada no individuo, tem sido sempre, nos corpos coletivos, uma arma de dois gumes. Tudo estaria bem, se uma só fosse à fé e constantes as intuições do gênero humano.

Fé significa crença absoluta numa coisa que se não pode provar. Um diz: "A minha fé é isto." Outro diz: "A minha fé é aquilo." Nenhum dos dois pode provar o que afirma ser a sua fé, mas contendem sempre, ou mentalmente, ou, por fim, fisicamente. O que for mais farte se mostrará disposto a perseguir o outro, até obrigá-lo a partilhar da verdadeira fé. Porque a fé de Filipe II era forte e positiva, ele, com absoluta lógica, exterminou algumas centenas de milhares de mouros, na esperança de que, dentre estes, os que restassem com vida abraçariam a suprema verdade.

Presentemente, se reconhecesse não ser razoável, de maneira alguma, exigir que os outros acreditem no que não possa ser provado, seríamos todas levados a observar os fatos, a meditar sobre eles e talvez se chegasse a um comum

acordo. Essa a razão por que o movimento psíquica se mostra tão importante. Ele assenta nalguma coisa de mais sólido do que textos, tradições ou intuições. E religião, de um duplo ponto de vista, do de dois mundos, em vez de o ser porque derive das antigas tradições de um mundo só.

Não podemos considerar o outro mundo como gracioso jardim de uma praça holandesa, tão limitado que seja possível descrevê-lo facilmente. É provável que os mensageiros que vêm ter conosco se achem todos, mais ou menos, em estado de desenvolvimento e representem uma como vaga de vida que se afasta das nossas praias. As comunicações, geralmente, procedem dos que daqui partiram não há muito tempo e tendem a enfraquecer-se, como é de esperar. A este propósito vem de molde notar que as reaparições do Cristo a seus discípulos ou a Paulo se verificaram, ao que consta, quando ainda muito poucos anos haviam decorrido depois de sua morte e que os primeiros cristãos nunca pretenderam tê-lo visto posteriormente.

Não são abundantes os casos de manifestação de espíritos que tenham desencarnado há longo tempo e que dêem provas aceitáveis de autenticidade. Na vida do Sr. Dawson Roger se conta o de um espírito que disse chamar-se Mantone que pretendia ter nascido em Lawrence Lydiard e ter sido enterrado em Stoke Newington, no ano de 1677. Ficou depois claramente demonstrado que existiu um homem assim chamado e que fora capelão de Oliver Cromwell. Tanto quanto o que tenho lido me permite saber, é o espírito mais antigo cuja manifestação se pôde registrar.

Em regra, os que nos vêm falar daqui se foram muito recentemente. Daí se segue que os informes que obtemos não vão além do que alcancem os conhecimentos dos que pertenceram a uma geração anterior à nossa, se tanto, e que não podemos tomar como completas as informações que nos dão, mas apenas como parciais.

Que os espíritos podem ver as coisas sob aspectos diferentes, de conformidade com os progressos que realizem no outro mundo, é fato que Miss Júlia Ames tornou patente.

Ela, que a princípio se mostrou impressionada pela necessidade da fundação de um escritório de comunicações, passados quinze anos, reconheceu não haver no Além, dentre um milhão de espíritos, nenhum que ainda quisesse comunicar-se conosco, desde que já tivesse junto de si aqueles a quem amava. Miss Júlia se equivocara porque, ao chegar no Além, todos os que encontrou estavam lá também de pouco tempo.

Parciais, pois, devem ser as narrações que con seguimos, porém, mesmo assim, são bastante substanciosas e extraordinariamente interessantes, visto que se referem aos nossos próprios destinos e aos daqueles a quem amamos.

Todos os espíritos que nos fornecem concordam em que a vida no invisível é de duração limitada, que em seguida eles passam a outras fases, entre as quais aparentemente há mais comunicação do que entre nós e o mundo espiritual. Os que estão nos planos inferiores não podem ascender aos planos superiores, mas os que nestes se acham podem baixar livremente ao meio daqueles.

Lá, a vida apresenta estreita analogia com a deste mundo, no que esta tem de superior. Entretanto, ao passo que esta é corporal, aquela é eminentemente uma vida mental, isenta, por conseguinte, das preocupações de alimentação, de dinheiro, de luxúria, de sofrimento, etc., etc., votada sobretudo ao cultivo das artes, da música, de todos os conhecimentos intelectuais e espirituais e a todos os progressos. Os seres vivem vestidos, como era de esperar, porquanto nenhuma razão há para que renunciem à decência sob as novas formas que tomam. Estas novas formas são a reprodução fiel das humanas, mas aperfeiçoadas, envelhecendo os jovens e remoçando os velhos, quanto seja necessário a que todos venham a ficar num meio-termo normal.

Vivem em comunidades, como fora de supor, desde que entre os que se assemelham há atração. O espírito masculino lá encontra a sua companheira, se bem não haja sexualidade, no sentido grosseiro da palavra, nem, portanto, nascimentos.

Uma vez que as ligações se mantêm e que os que se acham no mesmo grau de desenvolvimento se ombreiam, lícito é imaginar que as nações se conservem rigorosamente separadas umas das outras, embora não forme barreira posta entre elas à diversidade dos idiomas, por isso que a linguagem do pensamento é a de que se servem os espíritos para se comunicarem.

Da íntima ligação que existe no Além entre as almas afins, temos notável exemplo no modo por que Myers, Gurney e Roden Noel, que na terra foram amigos e colaboradores, juntamente nos transmitiram mensagens por intermédio da Sra. Holland, que os não tinha conhecido, sendo a mensagem de cada um perfeitamente característica para quem o conheceu como homem. Outro exemplo é o dos professores Verrall e Butcher, famosos sábios gregos, que, de colaboração, produziram o Problema grego, analisado, em O ouvido de Dionísio, pelo Sr. Gerald Balfour, que, com a sua grande autoridade, declarou não poder tal resultado ser obtido por nenhuma outra entidade que não fossem Verrall e Butcher.

De passagem, devemos fazer notar que estes e outros exemplos claramente mostram que os espíritos, ou dispõem de excelente biblioteca a que se reportam, ou, então, possuem uma memória que, por assim dizer, os torna oniscientes. A nenhuma memória humana seria possível fazer tantas citações exatas quantas se nos deparam nas comunicações insertas em O ouvido de Dionísio.

Tais são, grosseiramente traçadas, as linhas gerais da vida no Além, na sua mais simples expressão. Dizemos - na sua mais simples expressão - porque nem tudo nela é simples. Infinitos círculos inferiores se sucedem até às trevas, como infinitos outros se escalonam até à glória, todos progressivos, todos obedecendo a uma destinação, todos cheios de vida ativa, dos quais mal nos chegamos pálidos vislumbres.

Os nossos informantes são unânimes em dizer que nenhuma das religiões terrenas leva vantagem a qualquer das outras, que o caráter e a pureza dos sentimentos são tudo. Concordam, porém, ao mesmo tempo, em considerar boas

todas as religiões que inculcam a prece e recomendam que volvamos os olhares para o Alto, de preferência a tê-los postos naquilo que se acha ao nosso nível. Neste sentido, que não em outro, como um amparo para a vida espiritual, todas as formas religiosas tem a sua utilidade. Assim, bom é incontestavelmente que a tibetano passe parte da seu tempo a fazer girar um cilindro de bronze, desde que isso o leva a admitir a existência de alguma coisa mais elevada do que as montanhas do seu país e mais preciosa do que seus bois. Nada temos que criticar nesse terreno.

Há ainda um ponto de que devemos tratar aqui e que, assustador à primeira vista, se impõe ao nosso raciocínio, quando sobre ele refletimos. É a afirmação constante que nos fazem do Além de que os que lá chegam não sabem que morreram e que muito tempo decorre, tempo às vezes bastante longo, antes que se inteirem desse fato. Dizem todos que esse estado de desorientação é prejudicial e atrasa o espírito e são acordes em que o possuir desde aqui um certo conhecimento da verdade ora revelada ao mundo constitui o único meio seguro de evitar semelhante situação no invisível.

Não é de admirar que os espíritos, reconhecendo serem inteiramente diversas das que os seus conhecimentos científicos ou religiosos os faziam esperar, as condições em que se encontram, considerem como um sonho as novas sensações que experimentam. E quanto mais rigidamente ortodoxas tenham sido suas opiniões, tanto mais difícil lhes será aceitar o novo meio a que passaram com tudo o que ele envolve. Por esta razão e muitas outras, a nova revelação é uma necessidade para o gênero humano. Ressalta daí como ponto de importância prática, que obra útil realizariam os velhos enriquecendo de conhecimentos seus espíritos, porquanto, se lhes não restasse mais tempo de tirar neste mundo proveito dos mais recentemente adquiridos, eles se conservariam como parte integrante da sua bagagem mental no outro.

Quanto às particularidades mínimas da outra vida, melhor será talvez não tratar delas, pela excelente razão de serem

mínimas. Conhecemos por nós mesmos, dentro em pouco; só uma vã curiosidade nos levaria a interrogar os mortos a esse respeito.

Uma coisa é positiva: há no Além inteligências elevadas, para as quais é de manejo corrente a química sintética, que não se elabora a substância como também modela as formas. Temo-las visto operar nas sessões, de maneira perceptível aos nossos sentidos materiais, servindo-se dos mais vulgares médiuns. Se podem executar simulacros em uma sessão na Terra, que não devemos esperar que façam quando traba lham com objetos etéreos, nesse éter que é o meio próprio deles!

De um modo geral se pode dizer que têm a possibilidade de fazer alguma coisa de análogo a tudo quanto existe na Terra. De que jeito chegam a fazê-lo pode bem não passar de conjectura e especulação para os espíritos menos adiantados, como os fenômenos da ciência moderna para nós. Se um de nós fosse de súbito chamado por um habitante de qualquer mundo subumano para explicar com exatidão o que vem a ser a gravidade, ou o magnetismo, como se veria desamparado!

Ficaríamos então na posição desse jovem engenheiro soldado Raymond Lodge, que tenta expor uma teoria da matéria no Além, teoria que muito provavelmente será contraditada por qualquer outro espírito que também se entregue a conjecturar de coisas que se acham acima de sua capacidade. Perde ele estar certo e pode estar errado. O que não sofre dúvida é que se esforça por dizer o que pensa, como o faríamos nós mesmos em análoga circunstância. Ele crê que os químicos transcendentais são capazes de tudo fazer e que mesmo a produção de substâncias como o álcool e o tabaco pode estar ao seu alcance, podendo, todavia, ser também da alçada de espíritos não regenerados.

Isto divertiu a tal ponto os críticos que, lendo-se-lhes os comentários, se diria que aquele livro de quatrocentas páginas compactas nada mais encerra além dessa proposição. Raymond pode estar certo e pode estar errado; mas, na minha opinião, o incidente prova tão-só a inquebrantável coragem e a

honestidade daquele que o provocou, sabendo que espécie de arma colocava nas mãos de seus inimigos.

Muitos há que protestam porque o outro mundo, conforme de lá no-lo descrevem, é demasiado material para o gosto deles. Não era assim que o desejavam. Seja! Há neste mundo muitas coisas que parecem discordantes dos nossos desejos, mas que nem por isso deixam de existir. Quando nos dispomos a examinar essa pecha de materialismo e tentamos erigir um sistema qualquer que satisfaça aos idealistas, vemos que a tarefa se apresenta difficilima. Deveríamos talvez tornar-nos meras paveias de gasosa felicidade a flutuarem no ar. Parece que esta é a idéia de tais críticos.

Mas se lá no Além não tivéssemos corpo seme lhante ao que aqui temos, se nada conservássemos do caráter que aqui nos individualiza, como desejariam aqueles críticos, então nos extinguíamos. Que diria uma mãe a quem mostrassem, como sendo seu filho, um ser glorioso, mas impessoal? Diria: "Este não é o filho que perdi; quero seus cabelos dourados, seu sorriso vivaz, seus modos gráteis, que eu tão bem conheço." É isso o que ela quer isso, creio, o que terá, não todavia por qualquer sistema que de nós elimine tudo a que nos reste de material e nos transporte para uma vaga região de flutuantes emoções.

Em opposição a esta, há uma outra escola de críticas para os quais a dificuldade em aceitar a vida espiritual, como nos é descrita, está em serem lá muito agudas as percepções, muito fortes as emoções e muito compacto o meio ambiente, todo feito de tão diáfano material. Lembremo-nos de que tudo depende da comparação que estabeleçamos com as coisas que nos cercam.

Se conhecêssemos um mundo mil vezes mais denso, mais pesado e mais sombrio do que o nosso, facilmente reconheceríamos que a seus habitantes ele pareceria o que a Terra nos parece a nós, porquanto a força e a textura deles seriam proporcionados ao seu habitat. Se, entretanto, os habitantes de tal mundo se pusessem em contacto conosco, considerar-nos-iam como seres extraordinariamente aéreos,

vivendo numa estranha atmosfera luminosa e espiritual. Não se dariam conta de que, estando os nossos seres de harmonia e em proporção com o nosso meio ambiente, também nós sentimos e agimos exatamente como eles o fazem.

Consideremos agora o caso de um outro domínio de vida tão acima de nós quanto abaixo estivesse à coletividade pesada de que acabamos de falar. Parecer-nos-ia também que os seres lá existentes, os espíritos, como lhes chamamos, vivem quais sombras num meio vaporoso. Não nos apercebemos de que também lá tudo é proporcionado e harmônico, de sorte que a região, onde se movem ou habitam os espíritos, parecendo-nos a visão de um sonho, é tão real para eles como o são para nós o cenário em que nos movemos e o meio que habitamos e que o corpo de um é tão tangível para outro espírito como os nossos corpos terrenos o são para os nossos amigos.

4

PROBLEMAS E LIMITAÇÕES

Deixando, por agora, de aduzir mais amplas considerações em favor da estrutura desta revelação e das provas inegáveis da sua validade, deter-me-ei na apreciação de algumas particularidades que me forçaram a atenção enquanto explanava o assunto principal. A esfera onde se encontram os nossos mortos parece estar muito próxima de nós, tão próxima que de contínuo, são eles que o dizem, os visitamos durante o sono.

Grande parte da serena resignação que temos observado em pessoas que não perdido entes caros, pessoas que, supuséramos, enlouqueceriam por efeito de tais perdas - é devida ao fato de terem visto os seus mortos. Conquanto seja completo o esquecimento, ao ponto de essas pessoas não

poderem lembrar-se do que quer que lhes haja ocorrido espiritualmente durante o sono, elas experimentam grande alívio que lhes traz o seu subconsciente. O esquecimento, como disse acima, é completo; porém, às vezes, por uma razão qualquer, ele se interrompe durante uma fração de segundo: é quando o sonhador desperta do seu sonho "e nvolto em nuvens de glória". Que se originam também os sonhos proféticos, muitos dos quais se têm realizado.

Comigo mesmo ocorreu ultimamente um desses fatos, que, embora ainda não esteja talvez inteiramente verificado, é, mesmo assim, bastante notável. A 4 de abril do ano passado, 1917, despertei com a impressão de que uma comunicação me fora feita, da qual só uma palavra ficara a me martelar a cabeça. Essa palavra era - "Piave". Que me lembrasse, jamais ouvira semelhante nome. Como me soasse a guisa do de um lugar, logo que me levantei do leito fui ao meu escritório consultar o índice de um Atlas.

Lá encontrei "Piave" e a indicação de que assim se chamava um rio da Itália cerca de quarenta milhas atrás da linha de frente do exército italiano, que, então, avançava vitoriosamente. Nada haveria para mim, nessa ocasião, de mais inverossímil do que imaginar que a guerra viesse a desenvolver-se às margens do Piave e não me podia passar pela mente que qualquer acontecimento de ordem militar ali se desse. Tão impressionado, porém, fiquei, que escrevi uma nota, assinalando que um sucesso daquela natureza ali ocorreria e, tendo-lhe posto a data de 4 de abril, fi-la assinar pelo meu secretário e por minha mulher, como testemunhas.

Ora, é fato histórico que, seis meses depois, toda a linha italiana foi quebrada, abandonou sucessivas posições às margens de diversos rios e se deteve próximo àquele curso dá água, posição que, no dizer de críticos militares, era, estrategicamente, quase insustentável. Mesmo que nada mais suceda (estou escrevendo estas linhas a 20 de fevereiro de 1918), a referencia ao nome "Piave" se acha plenamente justificada. Presumo que algum amigo do Além me tenha querido avisar de futuros acontecimentos da guerra. Nutro,

contudo, a esperança de que ele haja desejado dizer -me mais alguma coisa, de que uma estrondosa vitória dos Aliados nesse ponto venha posteriormente justificar melhor o modo estranho por que tal nome se me meteu na cabeça.

Não faltará talvez quem clame contra esta teoria do sono, invocando como razão que os sonhos grotescos, monstruosos e absurdos que nos afligem não podem provir de uma origem elevada. Sobre este ponto tenho opinião bem definida, porventura digna de discussão. Entendo que há duas espécies de sonhos e somente duas: os que resultam das experiências que faz o espírito libertado e os que provêm da ação confusa das faculdades mais íntimas que permanecem no corpo quando o espírito está ausente. Os da primeira espécie são belos, mas raros, porque não guardamos lembrança deles. Os da segunda são comuns e variados, porém extraordinariamente fantásticos ou ignóbeis. Notando o que falta nos nossos sonhos grosseiros, podemos dizer quais são as qualidades de que estivemos privados e desse modo apreciar a parte de nós mesmos que vai com o nosso espírito. Assim é que observamos a ausência de alegria em tais sonhos, pois que vemos coisas cujo ridículo depois nos choca e que nos não divertiram. Reconhecemos também a ausência do sentido de proporção, de ponderação e de aspiração. Em suma, ausência de tudo o que há em nós de mais elevado e o que há de mais baixo, os sentidos do medo e das impressões sensuais, o instinto da conservação, a funcionarem com maior vivacidade, visto que livres do governo das faculdades superiores.

A quem se entregue a estes estudos, a questão se impõe da limitação dos poderes dos espíritos. É freqüente ouvir-se dizer: "Se os espíritos existem, por que não fazem isto ou aquilo?" A resposta habitual é que não fazem porque não podem, o que no-los mostra com uma bem determinada limitação de poderes, como se dá conosco. É o que se me afigura ter ficado muito claramente assinalado nas experiências de correspondência-cruzada, nas quais diversos médiuns escreventes, trabalhando distantes uns dos outros e

com inteira independência, chegaram a resultados tão concordantes que escapavam à possibilidade de uma simples coincidência.

Ao que parece, os espíritos sabem com exatidão o que imprimem nas mentes dos encarnados, mas não sabem até que ponto penetram nestes as instruções que lhes dão. E intermitente o contacto deles conosco. Daí vem que, nas experiências de correspondência-cruzada, continuamente os vemos perguntar:

"Apanhou isto?" ou: "Estava direito?" Algumas vezes têm conhecimento do que se como, por exemplo, quando Myers diz: "Eu via o círculo, mas não estava muito certo do triângulo." É evidente, ao demais, que os espíritos, mesmo os daqueles que, como Myers e Hodgson, se relacionaram de modo especial com as questões psíquicas e presenciaram todos os fenômenos que se podiam produzir, se acham em dificuldade sempre que pretendem tomar conhecimento de uma coisa material, tal como um documento escrito. Creio que só materializando-se em parte poderiam consegui-lo, mas falece-lhes o poder de se materializarem.

Esta observação lança alguma luz sobre o caso célebre, tantas vezes citado pelos nossos antagonistas, em que Myers não logrou dizer qual a palavra ou frase que fora escrita e colocada dentro de uma caixa selada. Evidentemente, da posição em que se encontrava, ele não podia ver o documento e, falhando-lhe a memória, teria muito provavelmente incorrido em erro.

Penso que muitos equívocos podem ser explicados deste modo. Já foi dito do Além, e a asserção se me afigura racional, que, quando eles se referem às suas próprias condições, falam do que sabem e podem de pronto e com segurança discutir; ao passo que, quando insistimos, sobre algumas vezes temas que fazer, em lhes pedir testemunhos de natureza terrena, os arrastamos para coisas de um outro plano, colocando-os numa posição extremamente difícil, em que ficam sujeitos a errar.

Um outro argumento que pode ser utilizado contra nós é este: Os espíritos encontram a maior dificuldade em nos

declinarem nomes, sendo isso o que torna tão vagas e pouco satisfatórias suas comunicações. Giram em volta de uma coisa e não dizem nunca à palavra que cortaria a questão.

Temos exemplo desse fato numa recente comunicação publicada em Light, a propósito da qual essa revista descreve os esforços feitos por um jovem oficial, morto havia pouco, para transmitir, pelo método das vozes diretas, a que se presta a médium Mrs. Susana Harris, uma mensagem a seu pai. Não conseguiu dizer como se chamava. Apenas pôde indicar com clareza que seu pai era membro de Kildare Stret Club, em Dublin. Procedendo-se a indagações, chegou-se a descobrir o pai do oficial e por ele se veio a saber que já havia recebido em Dublin uma comunicação do Além, informando-o de que em Londres se faziam pesquisas a seu respeito.

Não sei se o nome do indivíduo na terra é coisa puramente efêmera, que nenhuma conexão guarda com a personalidade, e, como tal, a primeira a ser abandonada na outra vida. Possivelmente o nosso comércio com o Além é regulado por leis que não permitem seja ele muito direto, deixando o que quer que seja aos esforços da nossa própria inteligência.

Esta idéia da existência de alguma lei que torna a comunicação indireta com o Além mais fácil do que a direta encontra forte apoio nas correspondências-cruzadas, em as quais as circunlocuções substituem constantemente as asserções. É o que verifica, na correspondência de S. Paulo, assunto do opúsculo de julho da Psychical Research Society. O nome de São Paulo tinha que ser escrito por um médium mecânico e transmitido a mais dois, separados um do outro, achando-se um destes na Índia. O espírito do Dr. Hodgson foi o designado para presidir a essa experiência. Está visto que as simples palavras "São Paulo", escritas pelos diversas médiuns, teriam bastado. Tal, porém, não se deu. O espírito teve de recorrer a toda sorte de alusões indiretas, falando a respeito desse apóstolo em cada uma das mensagens e fazendo cinco citações de seus escritos.

Este fato exclui qualquer explicação por mera coincidência e é de todo ponto convincente. Mas também mostra o curioso

processo de que se servem os espíritos: o de lançarem mão de circunlóquios em vez de irem diretamente ao fim que se propõem. Aprenderia perfeitamente o caso quem imagi nasse um anjo cauteloso a dizer aos espíritos: "Não torneis muito fáceis às coisas a essa gente. Deixai que eles usem um pouco da inteligência própria. Se lhes fizerdes tudo, tornar-se-ão simples autômatos." Seja qual for à explicação, o fato é digno de notar-se.

Há um outro ponto, no que concerne às comunicações dos espíritos, merecedor da nossa atenção. Refiro-me à incerteza que eles sempre revelam quanto às épocas em que os acontecimentos ocorrerão. Quase invariavelmente erram na apreciação do tempo. A idéia de tempo na terra é provavelmente diversa da que fazem os habitantes do mundo espiritual. Daí a confusão.

Como já tive ocasião de dizer, nós gozávamos da vantagem de contar, entre os que compunham o nosso grupo, uma senhora que era médium escrevente muito desenvolvida, e que se mantinha em constante comunicação com três irmãos seus mortos na guerra. Nas mensagens que recebia deles, raramente se observavam erros com relação aos fatos, mas, por outro lado, era muito raro que as datas estivessem certas. Todavia, uma exceção houve, muito sugestiva em si mesma. Profetizando sempre os acontecimentos públicos com atraso de semanas e até de meses, certa vez anunciou, com exatidão de data, o recebimento de um telegrama da África. O telegrama fora efetivamente expedido, mas ficara retardado em caminho, donde parece lícito inferir-se que ela podia anunciar o desenrolar de acontecimentos que se achavam em curso e calcular o tempo que gastariam para chegarem a seu termo. Doutro parte, devo convir que confidencialmente nos profetizou a fuga de seu quarto irmão, prisioneiro dos alemães, e que o fato se deu. Em suma, ainda não tenho opinião segura acerca dos poderes e limitações dos espíritos no tocante às profecias.

Postas de parte todas essas limitações, temos, infelizmente, que nos voltar com absoluto sangue-frio para as inteligências perversas e maliciosas que se manifestam. Quem

quer que se haja entregado as investigações psíquicas terá tido, eu o creio, casos de cruel decepção, que ocasionalmente se misturam com as boas e verdadeiras comunicações. Sem dúvida, foi com referência a tais mensagens que o Apóstolo escreveu: "Não acrediteis, ó bem-amados, em todos os espíritos; tratai de: saber se os espíritos são de Deus."

Estas palavras indicam claramente não só que os primeiros cristãos praticavam o Espiritismo, como nós o entendemos, mas que também esbarravam nas mesmas dificuldades que nós outros. Não há o que mais perturbe do que o fato de receber alguém uma longa e conexa narrativa, cheia de minudências, e verificar depois que tudo aquilo não passa de um enredo. Não obstante, devemos ter em mente que, se em um caso tudo se obtém absolutamente exato, ele prevalece sobre muitos outros em que tenha havido mistificação. Dá-se tão o que se daria com o recebimento de um telegrama sem nenhum erro: a certeza de que houve uma linha e um aparelho que o transmitiram, embora ambos, depois, se tivessem quebrado.

Cumpre, porém, reconhecer que o fato é desconcertante e de molde a levar uma pessoa a duvidar das mensagens recebidas, enquanto a autenticidade destas não fica provada. Dessas falsas influências são parentes próximos todos os Miltons que não podem versejar, todos os Shelleys que não podem rimar, todos os Shakespeares que não podem pensar e tantas outras personificações absurdas, que lançam o ridículo sobre a nossa causa.

Ao que penso, há fraudes deliberadamente praticadas, assim do lado de cá, do nosso mundo, como do de lá, do mundo invisível. Dizer, porém, que elas invalidam completamente toda a questão é uma insensatez tão grande quanto à de pretendermos anular o nosso próprio mundo porque aí encontramos pessoas que nos desagradam.

Uma coisa posso em verdade afirmar e é que, a despeito de todas as mensagens falsas, desde que explano este assunto, ainda se me não deparou uma que fosse blasfematória, grosseira ou obscena. Tais incidentes devem

ser de natureza muito excepcional. Penso também que o que se alega contra o Espiritismo como causador da loucura, da obsessão e por aí adiante não passa de asserções totalmente imaginárias. As estatísticas dos hospícios não as justificam e os médiuns vivem tanto, em média, quanto qualquer indivíduo. Julgo, todavia, que o abuso das sessões pode esgotá-los.

Desde que, portanto, vos acheis convencido da veracidade dos fenômenos, as sessões de experimentações físicas perderam sua razão de ser e aquele que, homem ou mulher, se ponha a sair de uma sessão para outra corre o risco de tornar-se um maníaco. Aqui, como em todas as outras práticas, há o perigo da forma eclipsar a realidade.

Aquele que se empenhe em levar sempre mais e mais longe as provas físicas pode vir a esquecer-se de que o objeto real de todos esses fatos é, como já assinalei, dar a certeza quanto ao futuro e, quanto ao presente, a força espiritual necessária a apreendermos devidamente a natureza transitória da matéria e a importância absoluta do que é imaterial.

Assim, pois, a conclusão que tiro das minhas longas pesquisas da verdade é que, apesar das fraudes ocasionais, que os espiritistas deploram, a despeito da desorientação das idéias, que eles não apóiam, há no movimento espiritualista um núcleo grande e sólido de demonstrações infinitamente mais próximas da prova positiva do que em qualquer sistema religioso que eu conheça.

Conforme mostrei, esse movimento surge menos como coisa inteiramente nova do que como o restabelecimento de uma coisa já existente. Porém, para esta época de materialismo, o resultado é o mesmo. Passaram indubitavelmente os tempos em que às opiniões amadurecidas e refletidas de homens quais Crookes, Wallace, Flammarion, Richet, Lodge, Barrett, Lombroso, os generais Drayson e Turner, o sargento Ballantyne, W. T. Stead, o juiz Edmundo, o almirante Usborne Moore, o falecido arcediácono Wilberforce e todo um enxame de outras testemunhas, podiam ser desprezados como "coisas morrinhentas", ou como "arengas fastidiosas".

Segundo bem o disse Mr. Arthur Hill, chegamos a um ponto em que se tornou supérfluo buscar mais provas e em que o peso das negações recai todo sobre os que negam. Acontece mesmo que os que clamam por provas adotam como norma não se darem ao incômodo de examinar as que já existem. Cada um parece entender que o assunto deve todo ser considerado de novo, porque quer informar-se a seu respeito.

O método seguido pelos nossos contraditores consiste em agarrarem-se àquele que por último formulou a questão - neste momento creio que é Sir Oliver Lodge - e tratá-lo como se expendesse opiniões novas, apoiando-as nas suas próprias afirmativas, sem levarem em conta a cooperação de muitos investigadores que o precederam. Não é um método honesto de crítica, porque em cada caso a concordância dos testemunhos constitui o verdadeiro fundamento da convicção.

Todavia, há, de fato, casos em que um único testemunho basta para firmá-la. Se, por exemplo, o conhecimento de forças até então desconhecidas nos adviesse tão-somente das pesquisas feitas pelo doutor Crawford, de Belfast, que, colocando o seu médium amador na cadeira de uma balança, com os pés isolados do chão, conseguiu observar nele uma diferença de peso correspondente ao de muitas libras (4) durante a produção dos fenômenos, resultado que obteve e registrou com as cautelas de um espírito verdadeiramente científico, não vejo como se possa vacilar. Os fenômenos estão e hão estado desde muito tempo firmemente provados para quem quer que se mostre despido de prevenções. Sente-se que o período da investigação passou e que se abriu há muito o da construção religiosa.

Com efeito, devêramos satisfazer-nos com a observação dos fenômenos, sem atentarmos no que eles significam, exatamente como faria um grupo de selvagens que contemplasse uma instalação telegráfica sem, se preocupar com apreciar as mensagens que ela transmite; ou cumpre que tomemos a resolução de aplicar-nos a definir essas sutis e hábeis comunicações do Além, para com elas construirmos um

sistema religioso, que resulte assente, pelo nosso lado, sobre a razão humana e, pelo outro, sobre a inspiração espírita?

Passou a época em que tais fenômenos constituíam um divertimento frívolo. Agora se apresentam como discutível novidade científica. Vão tomando ou tomarão de futuro a feição de fundamentos de um sistema preciso de idéias religiosas, de uma parte, confirmativo dos antigos sistemas e, de outra, inteiramente novo. As provas sobre que se apóia esse sistema são tão abundantes que só considerável biblioteca poderia conter. Além disso, as testemunhas dos fatos não são pessoas obscuras que vivam imersas nas sombras do passado, inacessíveis, portanto, ao nosso exame. São, ao contrário, contemporâneos nossos, homens de caráter e inteligência, respeitados por todos.

A situação, a meu ver, pode resumir-se numa simples alternativa. Ou se admite que houve uma epidemia de loucura que se alastrou por duas gerações humanas e dois grandes continentes, atacando homens e mulheres que a todos os outros respeitos se conservaram eminentemente sãos; ou então se há de admitir que nestes últimos anos temos recebido, de fontes divinas, uma nova revelação, que representa o maior acontecimento religioso verificado depois da morte do Cristo (visto que a Reforma não foi mais do que uma nova disposição dada ao que já existia e não a revelação de novos princípios) e que muda completamente o aspecto da morte e o destino do homem. Entre essas duas hipóteses nenhuma outra posição firme existe. As teorias segundo as quais no Espiritismo tudo é fraude ou ilusão não encontram provas em que se apóiem. Ou é mera loucura, ou uma revolução nas idéias religiosas, revolução que nos dá como fruto uma extrema intrepidez em face da morte e imensa consolação quando sobre aqueles que nos são caros desce o véu.

Muito me apraz acrescentar aqui algumas breves observações práticas àqueles que reconhecem a verdade do que digo. Achamo-nos em presença de uma manifestação imensa e nova, da mais considerável de que nos dá notícia a história do gênero humano.

Como usar dela? Penso ser para nós dever de honra externar a nossa crença, especialmente aos que so frem. Feito isto, não devemos forçar a e sim deixar que do resto se encarregue uma sabedoria mais elevada do que a nossa. Não queremos subverter religião alguma. Desejamos tão-somente atrair os inclinados à materialidade, tirá-los do vale apertado em que se encontram e trazé-los ao cume onde respirarão ar mais puro e contemplarão outros vales e outros cumes. As religiões se mostram em grande parte petrificadas e decadentes, abafadas pelas fórmulas e sufocadas pelos mistérios. Podemos provar que não há necessidade nem de uma coisa nem de outra. Tudo o que é essencial é ai mesmo tempo muito simples e muito positivo.

Os que mais claramente reclamam o nossa auxílio são os que sofreram a perda de entes amados e anseiam por entrar em comunicação com eles. Mister se faz, contudo, que também nisto não haja exagero. Se tivésseis um filho na Austrália, não pretenderíeis que continuamente abandonasse o seu trabalho para vos escrever extensas cartas a todo propósito. Desde que obtivestes a prova, moderai vossas exigências. E justo que não vos deis por satisfeitos com qualquer prova sem valor; mas, se alcançastes o que desejáveis, podeis, creio, aguardar que transcorra o breve período que nos separa do momento em que todos estaremos de novo reunidos.

Mantenho, presentemente, relações com treze mães que se acham em comunicação com seus filhos desencarnados. E, dos maridos dessas mulheres, aqueles que estão vivos confirmam a exatidão da prova obtida. Ao que sei, apenas uma dessas famílias já antes da guerra tinha conhecimento dos fenômenos psíquicos.

Alguns desses casos apresentam certas peculiaridades dignas de nota. Em dois deles as figuras dos rapazes mortos apareceram em fotografias ao lado das de suas mães. Noutro, a primeira mensagem dirigida ,à mãe do morto lhe veio ter às mãos por intermédio de um estrangeiro, a quem o endereço da mulher foi dado com a maior exatidão. Depois, as

comunicações se tornaram diretas. Num terceiro caso, o método adotado para a transmissão das mensagens consistiu em fazer referências a determinadas páginas e linhas de livros esparsos por diversas bibliotecas, compondo esses fragmentos uma comunicação. Este processo afasta todo receio de ação telepática. Com efeito, não há possibilidade de que uma verdade seja provada por quem ainda não teve dela a prova.

Como proceder? Aí é que está toda a dificuldade. Há homens sinceros e há fraudes. Cumpre obrar com prudência. Não vos será difícil saber até onde vão os médiuns profissionais. Mesmo com os melhores, pode dar-se que não consigais senão coisas inteiramente confusas. As condições são muito enganosas. Todavia, alguns obtêm resultados imediatos. Não podemos, pois, rejeitar as leis, porque ali atua do outro lado exatamente como deste.

Quase todas as mulheres são médiuns não desenvolvidos. Que elas experimentem a sua faculdade para a escrita automática. Ainda aqui é necessária a maior precaução para não expormos a decepções, convindo guardar uma atitude reverente e devocional. Se assim fizerdes, alguma coisa lograreis, porquanto do Além provavelmente alguém estará empregando esforços correspondentes aos vossos.

Pessoas há que condenam as comunicações sob o pretexto de que embarçam o progresso dos que daqui partiram. Nada prova que tal se dê. O que, muito ao contrário, os espíritos dizem é que se sentem amparados e fortalecidos, se conseguem comunicar-se com aqueles a quem amam. Poucas páginas conheço mais comovedoras, na simplicidade da sua juvenil eloquência, do que aquelas em que Raymond pinta os sentimentos dos espíritos de muitos mancebos desejosos de se comunicarem com seus parentes e que não podem fazer porque a ignorância e os preconceitos, da parte destes, opõem intransponível obstáculo. "Penoso vos é, diz ele, pensar que vossos filhos morreram; entretanto, uma porção de gente assim pensa. Revoltante, porém, é ouvir estes jovens se queixarem de que ninguém jamais lhes fala daí. Isto me magoa profundamente.

Antes de tudo convém ler o que se tem escrito sobre este assunto. Disso muito se têm descuidado não só os materialistas, como também os crentes. Impregnai-vos desta grande verdade. Familiarizai-vos com a inegável evidência. Deixai de lado os fenômenos e assimilai os ensinamentos de livros admiráveis como *After Death* (Depois da Morte) ou como *Spirit Teachings* (Ensinamentos dos Espíritos) de Stainton Moses. As obras deste gênero, de valores diferentes, mas todas formando uma média elevada enchem uma biblioteca inteira. Alargai e espiritualizai as vossas idéias. Mostrai os efeitos delas na vossa maneira de viver. A abnegação é a chave do progresso. Realizai-o considerando-o, não como imposição de crença ou artigo de fé, mas como fato tão tangível quanto às ruas de Londres, reconhecendo que caminhamos a passos largos para uma outra vida, onde todos serão verdadeiramente felizes, e que as únicas coisas capazes de obstarem ao gozo dessa felicidade ou de o retardarem são a loucura e o egoísmo praticados nestes poucos anos de passagem pela Terra.

Cumpra-se repetir que se a nova revelação pode parecer destruída ora para os que sustentam os dogmas cristãos com extrema rigidez, efeito inteiramente oposto ela produz nos que, como sucedeu a tantos dos modernos pensadores, não chegaram a considerar toda a contextura do Cristianismo uma grandíssima ilusão. Já ficou evidenciado claramente que, entre a nova revelação e a antiga, apesar de esta se achar desfigurada pelo tempo e mutilada pela ação do homem e do materialismo, tantas semelhanças há que denotam ser, em geral, o mesmo esquema de ambas e terem as duas, indubitavelmente, uma origem comum.

Verifica-se que as idéias aceitas de uma outra vida após a morte; da existência de espíritos superiores e inferiores; de uma relativa felicidade dependente do nosso proceder; da expiação pelo sofrimento; de espíritos guardiões; de altos instrutores; de um infinito poder central; de círculos que, sobrepondo-se, cada vez mais se aproximam desse centro; verifica-se, dizemos, que todas essas concepções surgem de novo, mas agora confirmadas por muitos testemunhos.

Foram somente as pretensões à infalibilidade e ao monopólio, a hipocrisia e o pedantismo dos teólogos e ainda os ritos instituídos pelos homens, que desviaram a vida das idéias inspiradas por Deus. Foi isso unicamente o que adulterou a verdade.

Não posso terminar melhor este pequeno volume do que me servindo de palavras mais eloqüentes do que quantas eu pudesse escrever e que compõem esplêndido modelo não só do estilo como também do pensamento ingleses. Elas são do grande pensador e poeta Gerald Massey e datam de muitos anos.

"O Espiritismo foi para mim, do mesmo modo que para muitos outros, como que uma elevação do meu horizonte mental e a entrada do céu. Foi como que a fé a se formar dos fatos. Tanto assim que a vida, sem ele, eu 'só a posso comparar a uma travessia feita, a bordo de um navio com as escotilhas fechadas, por um prisioneiro, que vivesse todo o tempo alumiado pela luz de uma vela e a quem de súbito, numa esplêndida noite estrelada, permitissem subir pela primeira vez ao tombadilho, para contemplar o prodígio so mecanismo do firmamento, flamejando a glória de Deus."

DOCUMENTOS SUPLEMENTARES

1

A OUTRA VIDA

Assinalei no texto o modo notável por que as narrações feitas da vida futura, embora provenientes das mais variadas e distintas fontes, concordavam nos pontos essenciais, concordância que par vezes se estende às minudências. A diversidade aparece nelas quando a visão, por mais completa, abrange e descreve mais de um plano. Porém as descrições

dessa região feliz a que o comum dos mortais pode aspirar muito conformes.

Depois que escrevi o que ficou para trás, li três novas descrições, sem ligação alguma entre si, que confirmam o que acabo de dizer. Uma delas foi dada por A Kings Counsel, no seu recente livro heard a Voice (Ouvi uma Voz), que recomendo aos pesquisadores, se bem se lhe note um forte pendor para o catolicismo romano, o que mostra quão persistentes são em nós as primeiras diretrizes dos nossos pensamentos.

A segunda se encontra no livrinho The Light on the Future (A Luz sobre o Futuro) dando, acerca do Além, informações minuciosas e interessantes, obtidas por um círculo sério e respeitável de Dublin.

A terceira consta de uma carta particular que me dirigiu Mr. Huber Wales e é de todas, penso, a mais instrutiva. Mr. Wales é um investigador cauteloso e mais céptico do que crédulo, tanto que com incredulidade rejeitou as comunicações que conseguira obter ele próprio, por meio da escrita automática. Tendo lido o que eu publicara acerca das descrições feitas da vida no Além, foi buscar ao seu arquivo os escritos a que tão pouco valor tinha dado outrora, quando saíram da sua pena, e eis a que a respeito me escreveu:

"Depois de ler o vosso artigo, senti-me abalado, quase assombrado, pela circunstância de as narrativas que me haviam sido transmitidas, relativamente às condições da existência após a morte, coincidirem, creio que até nas mínimas particularidades, com as que apresentastes como resultado do colecionamento, que fizestes, de material recebido de várias procedências. Não descubro nas minhas precedentes leituras o que quer que possa explicar essa coincidência. Afirmo que ainda nada lera do que tendes publicado sobre o assunto. Propositadamente evitara ler Rayrrond e outros livros semelhantes para que o que eu alcançasse não se ressentisse da influência dessa leitura. Os Proceedings, que há esse tempo eu tinha lido, da S. P. R., não tratam, como sabeis, das condições da vida de além-túmulo.

Seja como for, obtive, em épocas diferentes (como o mostram as notas que escrevia no mesmo momento), informações de que, nessa fase posterior da existência, os seres têm corpos que, conquanto imperceptíveis para os nossos sentidos, são para eles tão sólidos como os nossos para nós; que esses corpos apresentam as características gerais dos nossos, porém aformoseadas; que os espíritos não têm idade, nem sofrimento; que entre eles não há ricos nem pobres; que usam vestuários e se alimentam; que não dormem, se bem aquelas informações falem de ocasional passagem por um estado de semi consciência a que dão o nome de "adormecimento", estado que, segundo me parece, se assemelha fortemente ao de hipnose; que, transcorrido um período em geral mais curto do que a média da vida na terra, eles entram numa nova fase de existência; que os que se assemelham pelo pensamento, pelos gostos e pelos sentimentos, gravitam agrupados; que os esposos não se reúnem forçosamente, mas que o amor entre eles subsiste, escoimado dos elementos que, na terra, muitas vezes obstam à sua perfeita realização; que logo depois da morte terrena os espíritos passam por uma fase de repouso semi consciente, de duração variável; que são inaptos para experimentarem sofrimentos corporais, porém suscetíveis de sentirem, por vezes, ansiedades morais; que o que se chama morte dolorosa é coisa "absolutamente desconhecida" deles; que as crenças religiosas nenhuma diferença determinam nas condições do viver espiritual; que a vida para eles é, no seu conjunto, intensamente feliz, não alimentando, nenhum deles, o desejo de voltar à Terra.

"Nenhuma referência me foi feita ao trabalho" dos espíritos, tomado esse termo na acepção que lhe é própria; mas, ao que dizem os informantes, eles se interessam por várias ocupações. Isto, provavelmente, não passa de uma outra maneira de dizer a mesma coisa. Trabalho, entre nós, significa habitualmente "trabalhar para viver" e esse, como enfaticamente me informaram, não é para eles o caso, visto que são "providos", por misteriosa forma, de tudo quanto à vida reclama.

"Também nenhuma alusão me fizeram a qualquer "estada penal temporário". Colhi, entretanto, que os espíritos começam a sua vida no Além do ponto de desenvolvimento intelectual e moral em que deixaram à vida terrena. E, pois que a felicidade deles se baseia principalmente na simpatia, os que lá chegam em condições morais pouco elevadas, se vêem por tempo mais ou menos longo privados da capacidade de apreciar essa felicidade e de gozá-la."

Acrescentarei a este último testemunho um outro livrinho, que me passou pelas mãos, intitulado *Do Thoughts Perish?* (Morrem os Pensamentos?). Embora tenha guardado o anonimato, seu autor é evidentemente uma mulher de muita experiência e superior caráter. As datas das comunicações que o volume encerra mostram que elas foram dadas na mesma época em que Raymond deu as suas, mas sem nenhuma relação com estas. Todavia, as descrições capitais do que sentem e experimentam os mancebos que desencarnaram como soldados são absolutamente idênticas às de Raymond. Que dirá a crítica hostil dessa concordância entre as narrativas de duas testemunhas absolutamente independentes uma da outra?

2

ESCRITA AUTOMÁTICA

Esta forma da mediunidade produz os melhores resultados. Entretanto, pela sua natureza, é suscetível de causar decepções. Escrevemos usando nós mesmos de nossas mãos, ou um poder estranho as dirige? Só pela comunicação recebida podemos dizê-lo e mesmo assim temos que atribuir uma larga parte do resultado conseguido aos conhecimentos do nosso próprio subconsciente. Talvez convenha mencionar aqui um caso que me parece inteiramente probante, pelo qual pode qualquer investigador

verificar a toda evidência que as mensagens obtidas por essa maneira não provêm daquele que as escreve. Esse caso é citado no recente livro *Man is a Spirit* (O homem é um Espírito) de Mr. Arthur Hill, tendo dito chamar-se capitão James Burton o que serviu de intermediário para a comunicação. Creio ser esse o mesmo médium (amador) por quem foram transmitidas as comunicações graças às quais se pode determinar recentemente a posição das ruínas subterrâneas de Glastonbury.

"Uma semana depois dos funerais de meu pai, refere Burton, estava eu escrevendo uma carta de negócios, quando me pareceu que alguma coisa se interpusera entre minha mão e os centros motores do meu cérebro e aquela escreveu, de modo espantoso, uma carta a que após a assinatura de meu pai, indicando que vinha dele. Fiquei completamente perturbado. Meu braço direito e todo esse lado de meu corpo se tornaram frios e dormentes. Durante um ano recebi dessas cartas freqüentemente e sempre quando menos o esperava. Só as examinando com uma lente lograva inteirar-me do que continham. A caligrafia era microscópica. Tratavam de grande cópia de assuntos dos quais me era impossível estar a par.

"Sem que eu o soubesse, minha mãe, que residia longe de mim cerca de sessenta milhas, perdera um cão que ela muito estimava e lhe fora dado por meu pai. Na mesma noite em que isso acontecera recebi deste uma carta enviando pêsames à minha mãe e declarando que o cão agora estava com ele. "Tudo o que amamos e concorre para a nossa felicidade nesse mundo, disse, vem a estar conosco aqui." Um fato ocorrido anos antes do meu nascimento e que só ele e minha mãe conheciam, a respeito do qual ambos guardaram sempre o mais absoluto sigilo, me foi então revelado com esta recomendação: "Dize isto à tua mãe e ela saberá que sou eu, teu pai, quem escreve." Minha mãe, que, até então, recusara acreditar na possibilidade do fenômeno, quando ouviu de mim o que me fora comunicado, desmaiou. Daí por diante as cartas se tornaram para ela a maior consolação de sua vida, pois que ambos se amaram sempre, durante os quarenta anos que

viveram casados, tendo-lhe a morte do marido despedaçado o coração.

"Pelo que me to a, estou tão convencida de que meu pai continua a existir com a sua personalidade original, como se ainda se achasse a portas fechadas no seu gabinete de estudo. Ele não estava mais morto do que o estaria se vivesse na América. "Comparei o estilo e a vocabulário de tais cartas com os de que uso quando escrevo, senda que me tornei conhecido como colaborador de uma revista, e nenhum ponto de semelhança descobri entre uns e outros."

Mais provas existem da autenticidade deste caso, pelo que recomendo ao leitor o próprio livro donde extraí o que aqui deixo transcrita.

3

O ABRIGO DE CHERITON

Num dos capítulos deste volume aludi a um recente caso de poltergeist, ou seja, de manifestação de um espírito malévolos. Essas entidades parecem que pertencem a uma categoria inferior e que se acham mais próximas das condições terrenas do que quaisquer outras que conheçamos. Esta relativa materialidade que apresentam as coloca muito abaixo na escala dos espíritos e torna indesejáveis as suas comunicações, dando-lhes, entretanto, um valor especial, par nos chamarem a atenção para esses grosseiros, mas inegáveis fenômenos, que nas forçam a reconhecer que há no Universo outras formas de vida.

Tais forças, existentes nas fronteiras da terra, hão no passado atraído ocasionalmente a atenção geral, em diversas épocas e lugares, produzindo os casos de perseguição da família Wesley em Epworth, do tambor de Tedworth, dos sinos de Bealing, etc., que alarmaram o País durante algum tempo, representando cada um deles a atuação de forças desconhecidas sobre a vida humana.

Quase simultaneamente ocorreram o de Hydes ville, na América, e o das desordens de Cideville, em França, tão assinalados que não puderam passar despercebidos. Deles se originou o atual movimento espiritualista que, por meio do raciocínio, partindo das pequeninas coisas para chegar às grandes, das mais grosseiras para atingir as mais elevadas, dos fenômenos para alcançar as mensagens, está destinado a dar à religião as bases mais firmes sobre que ela jamais descansou.

Assim, por insignificantes e estúpidos que possam parecer, foram eles a origem de um amplo desenvolvimento e são dignos de que lhes dispensemos respeitosa atenção, ainda quando os olhemos como críticos.

Muitas dessas manifestações se têm produzido nestes últimos anos em vários pontos do globo, trazendo de cada um deles a imprensa em tom mais ou menos zombeteiro, aparentemente convicta de que o emprego da palavra - "fantasmas" - lança o descrédito no fato e põe termo a toda discussão. Note-se que cada um desses casos é considerado como fenômeno inteiramente único, de modo que o leitor comum nenhuma idéia chega a fazer deles como parte de um conjunto de provas acumuladas. No caso particular do abrigo de Cheriton os fatos se passaram da maneira seguinte:

Mr. Jaques, juiz de paz, homem educado e inteligente, que reside em Embrook House, Cheriton, perto de Folkestone, mandou fazer, defronte de sua casa, um abrigo contra os ataques aéreos. Cumpre dizer que a casa era muito velha, tendo sido em parte construída por uma antiga fundação religiosa do décimo quarto século. O abrigo foi construído na base de um pequeno penhasco, sendo de grés friável o fundo. Encarregou-se da execução do trabalho um empreiteiro de construções chamado Rolfe, a quem servia de ajudante um rapaz. Logo depois de haver encetado a obra, Rolfe se viu constantemente molestado por punhados de areia que lhe eram atirados ao rosto e que apagavam a candeia de que se servia. Imaginou que esses fenômenos fossem devidos a desprendimentos de gases ou à eletricidade. Tão frequentes,

porém, se tornaram que lhe estorvavam completamente o trabalho. Ele se queixou a Mr. Jaques, que ouviu a história com absoluta incredulidade.

A perseguição, entretanto, continuou aumentando de intensidade. Já agora eram rajadas de vento tão fortes que deslocavam o material, objetos de peso considerável, tais como pedras e pedaços de tijolos, que passavam voando pela frente do construtor e iam bater violentamente de encontro às paredes. Mr. Rolfe, sempre em busca de uma explicação física para semelhantes fatos, foi ter com Mr. Hesketh, eletricista municipal de Folkestone, homem instruído e inteligente. Mr. Hesketh visitou o lugar onde os fenômenos se davam e os observou por maneira a se convencer de que eram perfeitamente autênticos e inexplicáveis pelas leis ordinárias da ciência.

Um soldado canadense que se achava alojado em casa de Mr. Rolfe, ouvindo deste a narrativa dos sucessos, declarou estar convencido de que o construtor tinha "macaquinho no sótão" (sic) e partiu para o abrigo, donde acabou fugindo horrorizado, tais a violência e a continuidade com que os fenômenos se produziram. A criada grave da casa também presenciou o movimento dos tijolos sem que ninguém neles pusesse as mãos.

Mr. Jaques, cuja incredulidade decrescera gradualmente diante da evidência dos fatos, foi sozinho ao abrigo, quando ninguém lá se achava. Ao sair, cinco pedras atiradas do interior vieram bater na porta. Ele tornou a abri-la e viu as cinco pedras no chão. Sir William Harrett também lá foi, mas não pôde apreciar coisa alguma, tão pouco tempo se demorou no lugar. Eu, por minha vez, fiz quatro visitas à gruta, cada uma de cerca de duas horas, porém nada de extraordinário observei, a não ser que a construção de tijolos estava toda esburacada em consequência das pedradas que recebera. As forças produtoras do fenômeno nenhum interesse tinham, ao que parece, nas pesquisas psíquicas, pois que jamais se manifestaram a qualquer investigador, se bem houvessem demonstrado sua existência e sua ação a, pelo menos, sete

observadores e deixada, conforme eu disse acima, sinais dessa ação, arrancando pedras de blocos de alvenaria de cimento, destinados a formar o pavimento, e arrumando-as em pequenas pilhas cuidadosamente dispostas. A suposição de que o rapaz, ajudante do construtor, era quem se comprazia em praticar aquela malvadeza, teve que ser posta de lado, visto que o fato se dava mesmo ele ausente.

Também um conceituado cientista visitou rapidamente o local e pretendeu explicar que os movimentos eram produzidos pela emanção de gases dos pântanos, a que nada adiantou. As perturbações continuam e ainda esta manhã (21 de fevereiro de 1918) recebi uma carta do engenheiro Mr. Hesketh, dando-me informações completas dos fatos mais recentes que lá se têm verificado.

Qual é a explicação real do caso? O que posso dizer é que aconselhei Mr. Jaques a mandar fazer escavações no local onde está sendo construído o abrigo. Eu mesmo procedia algumas investigações no cume do penhasco e me convenci de que a superfície do terreno ali fora há tempos revolvida até à profundidade de cinco pés no mínimo. Deduzo desta circunstância que naquele lugar qualquer coisa foi enterrada, de longa data, sendo provável, como no caso que referi no carpo desta obra, que exista ligação entre esse fato e o que se passa no abrigo. Provavelmente, Mr. Rolfe, sem que o saiba, é médium de efeitos físicos. Quando se encontra no limitado espaço da cava, está verdadeiramente num gabinete dentro do quais seus poderes magnéticos ficam acumulados, em condições de serem utilizados e naturalmente algum agente, que lá também se acha, deles se aproveita. Dai os fenômenos. Quando Mr. Jaques foi sozinho à gruta, o poder deixado por Mr. Ralfe, que ali passara toda a manhã, ainda não se tendo extinguido, tornou possível algumas manifestações. Esta a minha opinião. Bom é, porém, que não se seja dogmático em tais questões. Se fizerem sistemáticas escavações, conto que a história terá um epílogo.

Enquanto este livro se imprimia, chegou ao meu conhecimento um outro caso muito notável de poltergeist. Não

posso, sem trair uma confiança, revelar particularidades e os fenômenos estão em curso. O que há também de curioso neste novo caso é que dele tive ciência porque um dos que estão sendo vítimas dos ataques invisíveis, uma senhora, leu as observações que publiquei acerca do abrigo de Cheriton e me escreveu, pedindo conselho e assistência. É distante o lugar onde esses novos fatos ocorrem presentemente e por isso ainda não pude lá ir. Mas, pelas informações que hei recebido, parece que apresentam todas as características que se nos tornaram familiares e são acompanhados do fenômeno da escrita direta. Tenho sob as vistas alguns espécimes dos escritos produzidos.

Dois pastores tentaram pôr termo a essas manifestações, que por vezes são extremamente violentas, mas sem nenhum resultado. Sirva de consolação a outros que estejam sofrendo tão estranhos castigos o saberem que nos muitos casos dessa natureza, cuidadosamente observados, não há exemplo de ter sido causado nenhum mal físico, seja às pessoas, seja aos animais.

Depois que escrevi o que acima se lê com relação ao último caso a que me refiro, um terceiro pastor, que tem certo conhecimento das ciências ocultas, interveio e conseguiu, por meio de ponderações feitas bondosamente e de preces, que entidade invisível promettesse não mais atormentar o dono da casa. Resta ver até quando ficará esta em sossego.

FIM

Notas de Rodapé

(1)-Cerca de 20 metros.

(2)-Referência ao livro de Sir Oliver Lodge, assim intitulado.

(3)-Espírito perturbador, que se compraz em manifestações ruidosas e desordenadas.

(4)-Uma libra equivale a 453 gramas.